

Universidade Federal de Ouro Preto

Instituto de Filosofia, Artes e Cultura

Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Racionalidade e Empatia: Altruísmo Eficaz e Impacto Positivo no Mundo

Tiago Lucas João Elis de Andrade Bompan

Ouro Preto

2021



UFOP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

TIAGO L. J. ELIS DE ANDRADE BOMPAN

RACIONALIDADE E EMPATIA: ALTRUÍSMO EFICAZ
E IMPACTO POSITIVO NO MUNDO

OURO PRETO

2021

TIAGO L. J. ELIS DE ANDRADE BOMPAN

RACIONALIDADE E EMPATIA: ALTRUÍSMO EFICAZ
E IMPACTO POSITIVO NO MUNDO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ética e Filosofia Política do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Filosofia.

Linha de pesquisa: Ética

Orientador: Dr. Douglas Garcia Alves Junior

OURO PRETO

2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

B696r Bompan, Tiago Lucas João Elis De Andrade .
Racionalidade e empatia [manuscrito]: altruísmo eficaz e impacto positivo no mundo. / Tiago Lucas João Elis De Andrade Bompan. - 2021. 84 f.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Garcia Alves Junior.
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Mestrado em Filosofia. Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

1. Altruísmo. 2. Empatia. 3. Filosofia . 4. Razão prática. I. Alves Junior, Douglas Garcia . II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 111.852(043.2)

Bibliotecário(a) Responsável: Paulo Vitor Oliveira - CRB6 / 2551



FOLHA DE APROVAÇÃO

Tiago J. L. E. de Andrade Bompan

Racionalidade e empatia: altruísmo eficaz e impacto positivo no mundo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia

Aprovada em 26 de maio de 2021

Membros da banca

Prof. Dr. Douglas G. Alves Júnior - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Guilherme A. Cardoso (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Alcino E. Bonella - (Universidade Federal de Uberlândia)

O Prof. Dr. Douglas G. Alves Júnior, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 28/06/2021



Documento assinado eletronicamente por **Douglas Garcia Alves Junior, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/08/2021, às 10:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0187025** e o código CRC **2E2475EF**.

AGRADECIMENTOS

À Patrícia, pelo amor, pela paciência e pela compreensão e por estar sempre presente nos momentos difíceis me apoiando incondicionalmente. Ao meu filho, Igor, que chegou enquanto essa dissertação era escrita e me trouxe ânimo e um novo sentido para a vida. Aos meus amigos, novos e antigos, pela camaradagem e boas conversas sem as quais a vida a perde um pouco da graça, Ao querido amigo, Adriano de Menezes *in memoriam*, pelos dias e pela camaradagem. À família Skateboard, por ter me mostrado o melhor de mim e me ensinado a nunca desistir. (skate or die). Aos meus irmãos e irmãs e, finalmente, à pessoa mais sábia que já conheci, minha mãe, fonte de todo o amor e paz que eu encontro na vida.

RESUMO

Em um artigo publicado na década de 70, o filósofo australiano Peter Singer defende que temos a obrigação moral de ajudar os menos favorecidos. O argumento apresentado por Singer pode ser interpretado da seguinte forma: o sofrimento e a morte decorrentes da falta de comida, assistência médica e moradia são ruins; se podemos evitar que essas coisas ruins aconteçam, sem que para isso seja preciso sacrificar coisa alguma de importância comparável, então devemos fazê-lo; se não fizermos estamos a agir mal. Fortemente influenciado por esse argumento um grupo de jovens, composto em sua grande maioria por universitários americanos e britânicos, iniciou um movimento conhecido como Altruísmo Eficaz. O movimento baseia-se em uma ideia simples; devemos, por meio da racionalidade, tentar reduzir o sofrimento no mundo. O objetivo desta pesquisa é avaliar a cogência argumentativa do Altruísmo Eficaz e seus desdobramentos ao considerar que a racionalidade é um instrumento mais eficaz do que a empatia quando queremos fazer do mundo um lugar melhor.

ABSTRACT

In an article published in the 1970s, the Australian philosopher Peter Singer argues that we have a moral obligation to help the less fortunate; the argument presented by Singer can be interpreted as follows: Suffering and death resulting from lack of food, medical care, and housing are bad; if we can prevent these bad things from happening, without sacrificing anything of comparable importance, then we must do so; if we do not we are acting badly. Strongly influenced by this argument, a group of young people composed mostly of American and British university students initiated a movement known as Effective Altruism. The movement is based on a simple idea; through rationality, we must try to reduce suffering in the world. The purpose of this research is to evaluate the argumentative cogency of Effective Altruism and its consequences in considering that rationality is a more effective instrument than empathy when we want to make the world a better place.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	9
2.	O ARGUMENTO DE SINGER EM FAVOR DA OBRIGATORIEDADE MORAL DA AJUDA	15
2.1	O PRINCÍPIO DA IGUAL CONSIDERAÇÃO DOS INTERESSES	16
2.2	EXPANDINDO O CÍRCULO DA AJUDA	19
2.3	POR QUE NÃO AJUDAMOS?	21
2.4	O ARGUMENTO	25
3.	ALTRUÍSMO EFICAZ E O MAIOR BEM QUE PODEMOS FAZER	30
3.1	ONDE PODEMOS TER O MAIOR IMPACTO POSITIVO?	31
3.2	VIVER UMA VIDA MODESTA E DOAR MAIS	35
3.3	GANHANDO PARA DOAR	37
3.3.1	COMO EU PESSOALMENTE ME ENCAIXO NESSE TRABALHO?	38
3.3.2	QUAL É O MEU IMPACTO ENQUANTO TRABALHO NESTA PROFISSÃO?	39
3.3.3	COMO A ESCOLHA DA PROFISSÃO PODE ME AJUDAR A TER UM IMPACTO POSITIVO AINDA MAIOR NO MUNDO?	43
3.4	AVALIAR QUAIS AS INSTITUIÇÕES DE CARIDADE SÃO MAIS EFICAZES	45
3.4.1	CUSTOS OPERACIONAIS E OUTROS CRITÉRIOS	46
3.5	RESOLVER COMPRAÇÕES DIFÍCEIS	52
3.6	OBJEÇÕES COMUNS AO AE	54
4.	RACIONALIDADE VS EMPATIA	60
4.1	O QUE É A EMPATIA?	60
4.2	RACIONALIDADE	71
5.	CONCLUSÃO	80
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83

1. INTRODUÇÃO

Em 1972, o filósofo australiano Peter Singer publicou um artigo intitulado *Famine Affluence and Morality* no qual faz uma defesa da obrigatoriedade moral da ajuda. No artigo, Singer defende que se quisermos ter uma vida minimamente ética não basta apenas respeitarmos leis morais que são em certa medida consensuais, como não matar, não roubar, não mentir etc. Temos, além disso, que dedicar parte de nossas vidas ao auxílio daqueles que estão em situação de necessidade. O trabalho do professor Singer ao longo dos anos influenciou muitas pessoas que mudaram suas atitudes em relação à ajuda e passaram a encarar o altruísmo como parte constitutiva de uma vida minimamente ética. Como grande exemplo do alcance da argumentação de Singer, podemos destacar o *Altruísmo Eficaz*, um movimento que propõem uma mudança radical no campo da filantropia. Os altruístas eficazes defendem, assim como Singer, que temos a obrigação moral de ajudar pessoas necessitadas, mas, além disso, defendem também que não basta apenas ajudar de qualquer maneira, temos de fazer isso da maneira mais eficaz possível, para isso, devemos levar em conta os números e as evidências de que aquilo que estamos fazendo é de fato o melhor que podemos fazer. Essa abordagem um tanto quanto científica é também defendida pelo filósofo britânico Will MacAskill, um dos fundadores do movimento. MacAskill afirma que:

Assim como nas ciências que consistem em uma tentativa honesta e imparcial de encontrarmos a verdade e, mais do que isso, assumir um compromisso com essa verdade, também no altruísmo, especialmente aquele que pretende ser eficaz, devemos seguir esse modelo científico. (MACASKILL, 2015, p. 11, tradução nossa)

Se não seguimos essa regra básica em nossos atos de caridade, então não podemos garantir a eficácia das nossas ações e, portanto, a ajuda parece ser algo como uma tentativa descompromissada de ajudar em que o verdadeiro objetivo nada mais é do que uma tentativa de ficarmos bem conosco mesmo.

Ter um impacto positivo no mundo pelo melhor custo benefício é o principal objetivo do movimento. Além disso, combinar a razão e a empatia em favor do desenvolvimento de uma cultura de doação também é visto como um dos objetivos do AE.¹

¹ Daqui em diante, utilizarei a sigla “AE” para me referir ao Altruísmo Eficaz.

Nessa dissertação pretendo fazer uma descrição do AE e das consequências da aplicação do modelo de altruísmo proposto pelo movimento. Se for bem sucedido, então teremos instrumentos para avaliar melhor o AE e o tipo de altruísmo proposto pelo movimento. Para tanto, essa dissertação será dividida em 3 capítulos; no primeiro capítulo trarei uma discussão mais ampla da argumentação de Singer em favor da obrigatoriedade moral da ajuda; no segundo apresentarei os elementos centrais do AE e no terceiro capítulo me concentrarei na crítica filosófica que afirma que a fria racionalidade do AE está desestimulando o altruísmo, em vez de estimulá-lo.

A argumentação de Singer como já foi referido no início dessa introdução, influenciou de maneira decisiva o surgimento do AE. Em *Famine Affluence and Morality*, a partir de um experimento mental em que uma criança está prestes a se afogar e em que a única pessoa capaz de salvá-la seria o leitor, Singer desafia as nossas intuições morais e estabelece um princípio, segundo o qual, naturalmente, nos colocaríamos a disposição de ajudar aqueles que por algum motivo estão em situação de risco. Pelo menos aqueles que estão próximos a nós. Quanto a isso, Singer afirma que “nós intrinsecamente preferimos ajudar aqueles que estão perto de nós [...] A questão, entretanto, não é sobre o que fazemos normalmente, mas sim sobre o que devemos fazer”. (SINGER, 1980, p. 202). Podemos perguntar se a distância, a etnia, a religião ou qualquer outra relação deveria justificar a nossa preferência em ajudar aqueles próximos a nós. Para Singer “é difícil aceitar uma justificação moral para a ideia de que a distância, ou o fato de ser membro de uma determinada comunidade, faça alguma diferença para as nossas obrigações morais” (SINGER, 1980, p. 203). É nesse ponto que os altruístas eficazes se alinham ao pensamento de Singer. Obviamente, eles consideram, assim como Singer, que temos uma obrigação moral de ajudar, mas a ideia de que devemos ajudar aqueles em situação de risco independentemente de serem nossos vizinhos ou pessoas em países distantes é bastante atraente para o movimento.

Por vezes, podemos ter um impacto positivo maior se levarmos em consideração onde a nossa ajuda se faz mais necessária. Determinar quais as causas mais urgentes e onde nosso dinheiro pode causar mais impacto faz uma diferença substancial entre a vida e a morte de pessoas necessitadas e é precisamente com isso que os altruístas eficazes estão preocupados. A definição que se tornou padrão para o movimento é a seguinte: “uma filosofia e um movimento social que aplica provas e a razão para saber quais são as maneiras mais eficazes de melhorar o mundo”² Entre as maneiras mais eficazes de melhorar o mundo, reduzir a pobreza extrema

² “Effective Altruism”, Wikipédia, http://em.wikipedia.org/wiki/Effective_altruism, 15 de abril de 2014.

parece ser o principal alvo dos altruístas eficazes, mas outras causas têm recebido atenção, como por exemplo, reduzir o sofrimento dos animais, reduzir a emissão de gases poluentes, evitar a extinção humana etc. O motivo pelo qual reduzir a pobreza extrema tem recebido mais atenção dos altruístas eficazes é simples: para eles um mundo em que se possa viver mais e com menos desigualdade é preferível a um mundo onde se viva menos por conta da desigualdade. Além disso, os altruístas eficazes têm mais evidências de que aquilo que estão fazendo para reduzir a pobreza extrema é de fato mais eficaz para o tipo de mundo em que estão interessados. A razão disso é que em algumas áreas o impacto positivo que podemos ter, parece difícil de ser quantificado, por outro lado, com relação à ajuda humanitária e o trabalho das instituições de caridade, temos mais facilidade para avaliar e mensurar a quantidade de bem que conseguimos realizar.

Por isso, os altruístas eficazes concentram seus esforços em reduzir a miséria no mundo, lutam por um mundo onde as pessoas pobres tenham oportunidades de se desenvolver plenamente, principalmente, para que tenham acesso a moradia, alimentação e assistência médica. A primeira parte do livro de MackAskill, *Doing Good Better*, está dividida em cinco perguntas centrais para todos aqueles que pretendem ser altruístas da forma mais eficaz possível e dedicar suas vidas, tempo e dinheiro aos necessitados, são elas: 1) Quantas pessoas serão beneficiadas com a sua ajuda, e por quanto? 2) Essa é a coisa mais eficaz que você pode fazer? 3) Será a área a qual você pretende doar negligenciada? 4) O que aconteceria caso você não doasse para essa área? 5) Doando para essa área, quais são as chances de sucesso, e quais as consequências boas desse sucesso?

Na tentativa de responder a essas perguntas surgiram algumas meta-instituições de caridade, o papel destas instituições é o de avaliar a eficácia dos programas desenvolvidos por instituições de caridade regulares, desta forma, estabelece-se um *ranking* com as instituições de caridade mais eficazes, aquelas que conseguem com a mesma quantidade de dinheiro ter um impacto positivo na luta contra a pobreza muito maior do que as outras. Além disso, outra instituição que faz parte do movimento, a *Eighty hours* aconselha jovens em início de carreira na escolha das profissões mais lucrativas, pois desta forma conseguirão doar mais dinheiro para as instituições de caridade mais eficazes. Estes são alguns dos aspectos constituintes do movimento e que serão discutidos na segunda parte dessa dissertação.

O modelo de altruísmo proposto pelo AE e as recomendações feitas pelo movimento geram muitas críticas filosóficas, políticas e econômicas. Parece existir um conflito quando procuramos determinar a motivação do altruísmo. Razão e sentimento para alguns filósofos

desempenham papéis antagônicos. Hume, por exemplo, defendia que a razão é meramente instrumental. Para ele, “a razão é, e deve ser somente escrava das nossas paixões” (HUME, TNH, II:iii:3.)³. Por outro lado, o famoso filósofo alemão, Immanuel Kant, acreditava que a razão era a única fonte confiável para as nossas ações e a única base para os nossos juízos morais. Em uma famosa passagem Kant afirma: “duas coisas me enchem a alma de crescente admiração e respeito, quanto mais intensa e frequentemente o pensamento delas se ocupa: o céu estrelado sobre mim e a lei moral sobre mim” (KANT, CRP, p. 166). O AE parece reativar esta antiga disputa filosófica, especialmente por considerar que a racionalidade desempenha um papel central dentro do altruísmo, com os sentimentos ou a empatia se limitando a um papel secundário. Singer capta bem a retomada dessa discussão na seguinte passagem:

O Altruísmo Eficaz lança uma nova luz sobre uma velha questão filosófica e psicológica: seremos fundamentalmente motivados pelas nossas necessidades inatas e respostas emocionais, com as nossas capacidades racionais a não fazerem mais do que dar uma aparente justificativa a ações que já determinamos antes de começarmos a pensar no que fazer? Ou será que a razão pode desempenhar um papel fundamental na determinação do modo como vivemos? O que leva alguns de nós a olharem além dos seus próprios interesses e dos interesses daqueles que amam para os interesses de estranhos, das gerações futuras ou dos animais? (SINGER, 2015, pg. 15)

A questão moral e psicológica sobre as bases do altruísmo será discutida na terceira parte dessa dissertação, mas para já é importante saber que o AE não nega o papel da empatia nas nossas ações altruístas, considera apenas que se quisermos ter, de fato, um impacto positivo no mundo por meio de nossas ações, a racionalidade parece fornecer um guia mais confiável do que os nossos sentimentos. Singer cita uma série de estudos psicológicos que parecem corroborar a ideia de que quando somos movidos apenas pela empatia as nossas ações tendem a ser ineficazes, ou mal direcionadas. Num desses estudos conduzidos, foi exibido para um grupo de pessoas a foto de uma criança e informado o seu nome e idade. Depois essas pessoas foram informadas que para salvar a vida dessa criança era necessário um medicamento que custava \$ 300.000 e que um fundo havia sido criado com intuito de arrecadar essa soma. Doações foram solicitadas para esse grupo de pessoas. Para outro grupo de voluntários foram exibidas as fotos de oito crianças e informaram também os respectivos nomes e idades dessas crianças. Depois foram informados que para salvar a vida dessas crianças era necessário um

³ A *Treatise of Human Nature* (THN). Seguindo a divisão em livros, capítulos e seções.

medicamento que para ser produzido custaria \$ 300.000, novamente foi solicitada uma doação dos membros do grupo. As pessoas do primeiro grupo doaram mais do que as pessoas do segundo grupo. A conclusão desse experimento é de que parece ser mais fácil termos empatia por uma criança do que por um grupo de crianças. O resultado desse experimento sugere que a empatia é responsável por erros de raciocínio que podem comprometer a eficácia das doações.⁴ Se assim o for, os altruístas eficazes claramente não podem ser motivados somente pela empatia quando fazem suas doações, precisam apoiar as suas escolhas em evidências de que aquilo que estão a fazer pode obter o melhor resultado possível.

Além disso, a empatia parece exigir uma relação com quem estamos a ajudar. Sobre isso, Singer afirma: “A pessoa identificável nos comove de uma maneira que a informação mais abstrata não comove” (SINGER, 2009, p. 45). É fácil observar como este tipo de comportamento é utilizado para a formulação de campanhas de arrecadação de doativos pelas instituições de caridade. Quase sempre os materiais de campanha publicitária utilizados por estas instituições trazem imagens ou vídeos de crianças em situação de pobreza extrema, o que nos comove sobremaneira. Se as campanhas se limitassem a oferecer informações mais abstratas sobre os projetos desenvolvidos pelas instituições de caridade, talvez não obtivesse tanto sucesso. Para os altruístas eficazes confiar em nossas emoções quando o que está em jogo é a possibilidade de salvar vidas parece não ser a melhor escolha. A possibilidade de cair em armadilhas publicitárias é bastante alta, portanto, eles defendem uma abordagem mais racional da filantropia.

Singer considera que a empatia como base do altruísmo, além de facilitar erros de raciocínio pela necessidade de identificar a pessoa pela qual temos uma relação empática, causa também o que ele chama de *parochialismo*, que pode ser entendido como uma forma de privilegiar os membros da nossa comunidade em detrimento aos de outra comunidade. Para Singer, aspectos como a religião, a etnia, ou a nacionalidade não deveriam contar como decisivos quando dispomos de nosso tempo e dinheiro para ajudar. É precisamente o que pensam os altruístas eficazes. Para eles, o que conta é o maior impacto positivo que podemos ter. O famoso filósofo e economista escocês Adam Smith oferece em *A Teoria dos Sentimentos Morais* uma visão distinta. Para ele, “todos os homens mesmo aqueles distantes de nós, são sem dúvida, merecedores dos nossos bons votos [...] mas se, não obstante, eles sofrem por alguma infelicidade da vida, não parece ser nosso dever nos preocuparmos excessivamente com eles.”

⁴ Tehila Kogut e Ilana Ritov, “The ‘Identified Victim’ Effect: An Identified Group, or Just a Single Individual?,” *Journal of Behavioral Decision Making* 18 (2005)

(SMITH, TSM, III, p. 161) Singer, apesar de não concordar com esta afirmação, diz que a razão disso pode ser encontrada na evolução da humanidade e nos oferece uma explicação darwinista para isso:

Sabemos agora que somos o produto de um longo processo de seleção genética que eliminou os que não eram capazes de sobreviver, de se reproduzir e de ter uma prole sobrevivente. O amor por aqueles que “se relacionam conosco”, ou seja, a nossa espécie, é facilmente explicado pela nossa compreensão da evolução, pois promove a sobrevivência dos genes que nos são semelhantes. (SINGER, 2015, p. 100)

Para o AE o fato de termos evoluído priorizando a ajuda aos membros da nossa própria comunidade não é um motivo para que não haja uma mudança na mentalidade com relação à ajuda.

Será que temos uma obrigação moral de assistir aos mais necessitados? Terão a distância, a etnia ou a religião qualquer relevância quando nos dispomos a ajudá-los? Como já vimos anteriormente, Singer e os altruístas eficazes defendem a obrigação moral da ajuda e procuram ajudar de maneira imparcial. Não levam em consideração aspectos como a proximidade ou a etnia daqueles que precisam de ajuda, mas consideram que o mais importante é o impacto positivo que suas ações podem alcançar.

2. O ARGUMENTO DE SINGER EM FAVOR DA OBRIGATORIEDADE MORAL DA AJUDA

Em *Famine affluence and Morality* Singer nos oferece um bom argumento em favor da obrigatoriedade moral da ajuda. O artigo foi publicado na revista *Philosophy and Public Affairs*, em 1972, durante a crise que atingiu o leste da Índia em que uma guerra civil combinada com um ciclone devastou a região e deixou milhões de pessoas desabrigadas ou como refugiadas de guerra. Singer inicia o artigo criticando a falta de atitude dos indivíduos e dos governos de países ricos diante do caos que acontecia na Índia. Para ele “as decisões e ações dos seres humanos podem prevenir este tipo de sofrimento. Mas infelizmente, os seres humanos não têm tomado as decisões adequadas” (SINGER, 1972, p. 229). As implicações morais de uma situação como essa são inaceitáveis. Singer defende que nossas atitudes devem ser alteradas de modo a evitar a inércia em situações como essa.

A primeira parte da argumentação de Singer em favor da obrigatoriedade moral da ajuda oferece um experimento mental para testar as nossas intuições morais. Podemos reescrever o experimento da seguinte forma:

Imagine que em um dia ensolarado em seu caminho para o trabalho ao passar por um lago não muito profundo você se depara com uma criança que está prestes a se afogar. Entrar no lago e resgatar a criança é fácil e seguro para você, mas isso lhe custaria chegar atrasado ao trabalho e arruinar um par de sapatos que você comprou dias atrás por R\$ 500,00. Você olha para o lado e percebe que é a única pessoa por perto e precisa tomar uma decisão rápida. O que você faria? A maior parte das pessoas não hesitaria em salvar a criança, um par de sapatos ou chegar atrasado ao trabalho, não parecem ser coisas relevantes quando o que está em jogo é a vida de uma criança.

O filósofo Peter Unger oferece uma versão do experimento criado por Singer na qual eleva um pouco o nível daquilo que teríamos que sacrificar para salvar a vida de uma criança. A história é sobre Bob, um idoso americano que está prestes a se aposentar. Bob, durante sua vida de trabalho árduo, economizou dinheiro suficiente para comprar um Bugatti, o carro, além de ser o sonho de consumo de uma vida inteira de trabalho, é também a garantia de uma aposentadoria tranquila para Bob. Certo dia, Bob, estaciona o seu Bugatti próximo a uma linha de trem e observa à distância que uma criança brinca distraidamente na linha do trem, olha para o outro lado e vê que o trem se aproxima sem perceber a criança que brinca logo a sua frente. Bob tem uma alternativa, caso queira salvar a criança: empurrar o seu amado Bugatti para cima da linha do trem, o que ocasionaria, após a colisão, o acionamento dos freios de emergência do

trem. Isso salvaria a criança, mas destruiria o Bugatti e o sonho de uma aposentadoria tranquila para Bob. Qual seria a melhor decisão a ser tomada por Bob? ⁵A maior parte das pessoas concordaria que Bob deveria empurrar o seu carro para os trilhos e salvar a criança. Nesse experimento mental, aquilo que devemos sacrificar para salvar a criança é mais valioso do que os sapatos ou chegar atrasado ao trabalho, mas ainda assim, parece que estaríamos dispostos a sacrificar ainda mais se fosse necessário.

A princípio podemos retirar duas conclusões desses experimentos mentais: a primeira é que estamos dispostos a sacrificar mais do que imaginamos para salvar a vida de uma criança que está em risco, no caso de Bob o seu valioso Bugatti. A segunda é que esse sacrifício exige a identificação da vítima, nos dois casos a criança podia ser vista pelos agentes e isso parece gerar uma obrigação de ajudar que não ocorre quando a vítima está distante e não pode ser identificada. É precisamente esse o erro de raciocínio que os altruístas eficazes estão empenhados em combater. A respeito dessas duas conclusões Singer sugere que: “quando levadas a pensar em termos concretos, sobre indivíduos reais, a maioria de nós considera obrigatório minimizar o sofrimento grave de pessoas inocentes, mesmo que isso tenha algum custo (ou até mesmo um grande custo) para nós mesmos.” (SINGER, 2015, p.15).

Singer pensa que as nossas intuições morais não são suficientes para fundamentar a obrigatoriedade moral de ajudar os que precisam, isto porque, nossas crenças instintivas são passíveis de falhas e, portanto, pouco confiáveis. Singer então, procura oferecer um argumento convincente em favor de sua conclusão de que temos a obrigação moral de assistir aqueles em situação de risco, não só os que estão próximos a nós, como também aqueles que estão em risco por conta da miséria em países pobres.

2.1 O PRINCÍPIO DA IGUAL CONSIDERAÇÃO DOS INTERESSES

O experimento mental oferecido por Singer serve de apoio para o seu argumento. Nele Singer observa, como dito anteriormente, que temos uma disposição natural em ajudar aqueles em situação de risco, mas isso acontece quando podemos identificar a vítima. Uma pessoa distante não parece despertar em nós o mesmo tipo de sentimento. Singer considera que isso é

⁵ Peter Unger, *Living High and Letting Die* (Nova York: Oxford University Press, 1996) Unger pretende com a formulação desse experimento mental demonstrar que estaríamos dispostos a sacrificar muito mais do que imaginamos para salvar uma vida.

um erro de raciocínio. Para ele, a distância não tem nenhuma relevância quando o que está em jogo é a vida de uma criança, por exemplo.

Considera também que coisas como a religião a etnia ou a nacionalidade não podem contar como algo relevante quando nos dispomos a ajudar alguém.

Em *Ética Prática*, Singer estabelece um princípio chamado *Princípio da Igual Consideração dos interesses*. Trata-se de um princípio que busca eliminar a falha de raciocínio que prioriza os interesses dos indivíduos com os quais temos algum tipo de relação. O princípio diz que “nós devemos dar um peso igual em nossas deliberações morais aos interesses de todos aqueles afetados por nossas ações” (SINGER, 1980, p. 20, tradução nossa). Com isso, Singer, não pretende afirmar que todos os interesses são iguais, mas ao contrário, acredita que são diferentes e por isso merecem igual consideração. Obviamente, outros fatores devem ser considerados quando estamos a deliberar sobre o que devemos fazer, o que o princípio pede é apenas que “se avalie os interesses imparcialmente” (SINGER, 1980, p. 20, tradução nossa). A dificuldade em aceitar esse princípio torna-se óbvia quando a escolha esbarra em questões afetivas, por exemplo, em uma situação em que tenho que escolher entre mandar meus filhos para uma boa escola ou doar o dinheiro para instituições de caridade que salvam crianças na África. Parece difícil que a nossa imparcialidade alcance o nível proposto pelo princípio. Essa é uma crítica que é comumente endereçada aos altruístas eficazes. Singer escapa bem a essa dificuldade afirmando que:

Altruístas eficazes aceitam que nossos próprios filhos exijam uma responsabilidade especial, em relação aos filhos de estranhos [...] A maioria dos pais ama seus filhos e seria irrealista exigir que os pais sejam imparciais entre os seus próprios filhos e outras crianças. Nem queremos desencorajar tal viés porque as crianças prosperam em famílias próximas e amorosas, e não é possível amar as pessoas sem ter maior preocupação com o seu bem-estar do que o dos outros. (SINGER, 2015, p 8)

É importante ressaltar que o amor e afetividade estabelecidos com os nossos familiares jamais serão superados por um tipo de altruísmo que ignora as relações de parentesco. O AE é um movimento que sugere a aplicação da racionalidade em nossas ações altruístas, mas não ignora o papel dos sentimentos que temos em relação aos nossos. Singer concorda com essa posição, mas acredita que devemos avaliar cada situação em que damos preferência aos nossos filhos em detrimento da vida dos que vivem em situação de risco. Para ele um vídeo game novo

não é um item necessário sem o qual seria impossível para uma criança ter uma vida satisfatória, ao passo que, a falta de medicamentos contra doenças que matam e que seriam relativamente fáceis de serem tratadas é extremamente necessário. Segundo Singer, dar preferência aos filhos gastando dinheiro com coisas das quais eles não precisam e ignorar a morte de crianças em países pobres por falta de condições básicas para sobrevivência, é imoral, e, obviamente, não respeita o princípio de igual consideração dos interesses.

O Filósofo James Rachels segue a linha de raciocínio de Singer e define a moralidade em seu livro introdutório de ética *Os Elementos da Filosofia da Moral*, da seguinte forma:

Moralidade é, minimamente, o esforço em guiar a conduta do indivíduo por meio da razão – ou seja, fazer algo para o qual haja as melhores razões para fazê-lo – enquanto ao mesmo tempo se dá um peso igual aos interesses de cada indivíduo (RACHELS, 2006, p. 15).

Essa definição de Rachels prepara terreno para uma concepção mínima sobre a moralidade que é baseada na racionalidade e na imparcialidade. Segundo Rachels, dificilmente, essa concepção seria rejeitada por qualquer teoria ética, a menos, que se trate de uma teoria excêntrica. Essa concepção mínima sobre a moralidade parece estar de acordo com o princípio da igual consideração dos interesses defendido por Singer.

Podemos resumir a discussão até aqui afirmando que: questões como a distância, a religião, a nacionalidade ou a etnia de quem estamos a ajudar, não contam como algo moralmente relevante e devemos considerar os interesses de todos de maneira imparcial. Um altruísta eficaz assume esse tipo de raciocínio toda vez que procura fazer do mundo um lugar melhor. Isso não significa que sejam indiferentes aos apelos emocionais que sentem em relação aos mais próximos, como afirma Singer “Altruístas eficazes sentir-se-ão tentados a ajudar uma criança identificável de seu próprio país, região, religião ou grupo étnico, mas perguntarão a si próprios se isso é a melhor coisa que podem fazer” (SINGER, 2015, p. 6).

2.2 EXPANDINDO O CÍRCULO DA AJUDA

Em abril de 1997, Singer, publicou na revista *New Internationalist* um artigo intitulado *The Drowning Child and The Expanding Circle*.⁶ Nesse artigo, Singer reflete sobre os desafios da globalização. Segundo Singer, vivemos em uma era em que ignorar as tragédias que ocorrem em lugares distantes de nós, já não é mais uma opção. O avanço das comunicações e dos meios de transporte ajudou a superar a ideia de que as preocupações morais se restringem ao meio em que vivemos. O famoso historiador e ensaísta irlandês, W. H. Lecky, entendia que com relação a *preocupação* os seres humanos tendem a agir de forma similar a um círculo que se expande em diferentes estágios; no primeiro a preocupação é com o indivíduo, no segundo com a família “e então o círculo inclui, primeiramente, a classe, depois a nação, uma coalizão de nações, toda a humanidade, e finalmente, sua influência é sentida nas relações com o mundo animal” (LECKY, 1908). Singer eleva as nossas obrigações morais até o último estágio, podemos notar isso pela sua ampla defesa dos direitos dos animais. Entretanto, nesse artigo Singer não está preocupado em fazer uma defesa dos direitos dos animais, mas sim uma defesa da ajuda no penúltimo estágio, a ajuda aos que estão em situação de risco, mas que não fazem parte da nossa comunidade.

O AE é a expressão viva desse desejo expresso por Singer. O movimento procura expandir a ajuda levando em consideração onde ela se faz mais necessária. Kwame Anthony Appiah, defensor do cosmopolitismo, descreve a essência de um altruísta eficaz quando ele procura definir o que chama de “*believers without borders*” o que numa tradução livre podemos traduzir por “crentes em um mundo sem fronteiras”. Para Appiah, essas pessoas, jovens em sua maioria, “acreditam na dignidade humana através das nações, e eles vivem sua crença” (APPIAH, 2006, p. 137). Esses jovens desafiam as instituições tradicionais que regulam a sociedade, e lutam contra o nacionalismo em seus países. Para Appiah, eles se opõem a isso “porque essas coisas atrapalham o que realmente importa: criar uma comunidade global de homens e mulheres esclarecidos” (2006, p.138).

Tanto Singer quanto Appiah defendem que a necessidade de uma ética global é irrefutável. Existem algumas razões para isso; a primeira é que vivemos em uma era em que as telecomunicações e os transportes avançaram absurdamente e não permitem mais que se ignore as tragédias mundiais causadas pela fome, falta de assistência médica, guerras civis, desastres

⁶ Em *The Drowning Child and The Expanding Circle*, Singer demonstra maior preocupação com a globalização e o impacto causado por ela do que em *Famine Affluence and Morality*. Obviamente o intervalo de 25 anos entre uma publicação e outra contribuiu para isso.

naturais etc. Tudo isso chega às salas das pessoas, que vivem em países afluentes, de maneira quase instantânea e ignorar essas tragédias é imoral; a segunda razão tem a ver com a ideia de que só temos responsabilidade moral por aquilo que fazemos, portanto, se não somos responsáveis pelas tragédias globais não temos a responsabilidade moral em ajudar, embora, seja uma boa ideia fazê-lo. Quanto a isso, Singer afirma que em um mundo cada vez mais globalizado “nossa capacidade de afetar o que está acontecendo, em qualquer parte do mundo, é uma forma de demonstrar que estamos vivendo em uma era de responsabilidade global” (SINGER, 1997). Mas a outra forma é mais dramática e pode ser sentida nas mudanças climáticas, nas relações comerciais, na influência política dos países ricos sobre os países pobres etc. Portanto, dizer que somos responsáveis somente por aquilo que fazemos é dizer que somos responsáveis também por muitas das mazelas do mundo. Disso segue-se que a ética não se restringe mais ao grupo em que vivemos ou as pessoas com quem temos contato durante nossas vidas, ou como afirma Appiah “cada pessoa que você sabe sobre e pode afetar de alguma forma é alguém para com o qual você tem responsabilidades: dizer isso é afirmar a verdadeira ideia da moralidade.” (2006, p. 13)

Singer aponta um motivo pelo qual acredita que é possível mudarmos a nossa atitude nas relações morais com os outros. Segundo Singer, “nós vivemos em um tempo onde muitas pessoas experimentam uma vida vazia e sem sentido” (SINGER, 2006) e a razão disso é o declínio da igreja e do comunismo que deixou o caminho livre para que o capitalismo reinasse sozinho estabelecendo uma era de consumismo desenfreado “cuja a única mensagem é: consuma e trabalhe duro, pois dessa forma você pode ganhar mais e consumir mais” (SINGER, 2006). Essa corrida desenfreada promovida pelo capitalismo e a falta de sentido na vida da maior parte das pessoas corrobora com aquilo que “os filósofos têm defendido ao longo da história, uma vez que temos o suficiente para satisfazer as nossas necessidades básicas, ganhar mais dinheiro não aumenta a nossa felicidade” (SINGER, 2006). Podemos perceber isso, mesmo com aqueles que são extremamente bem sucedidos na corrida capitalista. “Nós devemos nos livrar dessa concepção absurda de sucesso. Isso não apenas falha em nos trazer felicidade [...] isso também estabelece um padrão social que é uma receita para a injustiça global e desastre ambiental” (SINGER, 2006). Uma vida baseada nos interesses individuais e que não leva em conta os interesses dos outros indivíduos não pode encontrar satisfação. Segundo Singer “uma vida ética é aquela que faz com que nos identifiquemos com os outros e com objetivos maiores, dando sentido às nossas vidas.” (2006). Portanto, a ética oferece um antídoto para essa falta de sentido da vida daqueles que guiam suas atitudes baseadas no interesse próprio. Os altruístas

eficazes têm compartilhado muito a respeito da experiência positiva em dedicar suas vidas à filantropia.

O Altruísmo Eficaz é uma maneira de dar sentido a nossa própria vida e encontrar satisfação no que fazemos. Muitos altruístas eficazes dizem que, ao fazer o bem, eles se sentem bem. Altruístas eficazes diretamente beneficiam os outros, mas indiretamente eles beneficiam a si próprios. (SINGER, 2010, P. 8).

Na segunda parte dessa dissertação, onde apresentaremos de forma detalhada o AE, poderemos ter uma ideia mais clara de como os altruístas eficazes parecem ter encontrado satisfação em suas vidas ao se libertarem de uma vida consumista e ao se dedicarem aos outros de maneira desinteressada.

2.3 POR QUE NÃO AJUDAMOS?

Segundo dados do Banco Mundial, cerca de 10% da população mundial vive em situação de extrema pobreza, isso significa dizer que essas pessoas vivem com menos de \$ 1.90 por dia que é a linha da pobreza ajustada para valores do que se pode comprar nos E.U.A com esse dinheiro.⁷ Essas pessoas vivem uma vida degradante e não conseguem suprir as necessidades básicas de sobrevivência, geralmente, não têm acesso a água potável, comida, assistência médica, a um abrigo decente etc. Enquanto isso, na outra extremidade, temos os super ricos, aqueles que gastam verdadeiras fortunas com coisas das quais não precisam. Esses afortunados que vivem em países ricos poderiam facilmente transferir parte de sua riqueza para os pobres dos países em desenvolvimento e, ainda assim, continuar com um estilo de vida bastante luxuoso. Singer considera que essa seria a coisa certa a se fazer e que aqueles que não o fazem não estão agindo de uma forma minimamente ética. Isso porque ao gastar dinheiro com coisas que não precisam, estão a valorizar essas coisas mais do que as vidas que poderiam ser salvas com esse dinheiro. Quando usamos um experimento mental em que a vida de uma criança está em jogo, quase ninguém hesitaria em salvá-la, mesmo que isso custasse um investimento de uma vida toda visando uma aposentadoria prazerosa, como no caso de Bob e seu Bugatti, mas quando somos informados de que crianças estão se afogando em algum lugar da África e que salvá-las não custaria mais do que um par de sapatos novos, a coisa parece mudar de figura e ficamos hesitantes quanto a ajudar. Por que isso acontece?

⁷ A informação acima pode ser consultada no seguinte link: <https://nacoesunidas.org/banco-mundial-quase-metade-da-populacao-global-vive-abaixo-da-linha-da-pobreza/>

Vejamos algumas das objeções à ajuda oferecidas por aqueles que acham que não temos a obrigação moral de ajudar os menos favorecidos que vivem em países pobres:

1) *Devemos ajudar primeiro os pobres do nosso próprio país. Depois se ainda sobrar tempo e recurso nós podemos pensar nos pobres de países distantes.* Essa objeção faz algum sentido se levarmos em consideração a realidade de países como o Brasil, por exemplo, em que podemos observar uma ampla desigualdade social. Mas Singer, parece direcionar a sua argumentação, especialmente, para os ricos dos Estados Unidos e da Europa. A objeção quando aplicada aos países ricos deixa de fazer sentido, isso porque a pobreza nos países desenvolvidos economicamente é diferente da pobreza encontrada nos países pobres. Sobre isso, Singer nos diz o seguinte: “Em sociedades abastadas, a maior parte da pobreza é relativa. As pessoas se sentem pobres porque muitas das coisas que veem anunciadas na televisão estão além de seu poder de compra” (2010, p. 7). Ele prossegue afirmando que não nega as dificuldades enfrentadas pelos pobres americanos, só pensa que “essas dificuldades são de ordem diferente das enfrentadas pelas pessoas mais pobres do mundo.” (2010, p. 8). Além do mais, como já foi dito anteriormente, parece que não temos nenhum tipo de justificção moral para darmos preferência aos membros da nossa comunidade. Temos que considerar todos dentro de uma perspectiva geral de igualdade dos interesses;

2) *Desde que eu consiga meu dinheiro de maneira honesta eu posso gastá-lo como eu bem entender. Não parece haver qualquer lei moral que me obrigue a doar meu dinheiro e não gastá-lo como quiser.* A essa teoria do direito à propriedade privada podemos contrapor a doutrina cristã que defende a propriedade privada e o acúmulo de bens unicamente como meio para o sustento das nossas necessidades; o socialismo é outra teoria contrária à propriedade privada e ao acúmulo de bens pelos indivíduos, defende que todos os bens produzidos por uma comunidade pertencem a essa comunidade; a ética utilitarista não se oporia ao fim da propriedade privada em favor de um bem maior, se de fato, isso gerasse a maior felicidade para o maior número de indivíduos essa seria a coisa certa a ser feita. Robert Nozick, famoso defensor dos direitos individuais à propriedade privada, acredita que “os indivíduos têm direitos e há coisas que as pessoas ou grupo de pessoas não podem fazer por eles (sem violar os seus direitos)” (NOZICK, 1974). Entretanto, diz a respeito das doações aos necessitados que parece ser uma boa ideia ajudá-los e que não fazê-lo, embora, seja um direito dos indivíduos, não estaria de acordo com um padrão ético de comportamento. Uma versão modificada do

argumento de Singer se adequaria perfeitamente a essa visão de que teríamos uma obrigação em assistir em um sentido mais fraco do termo, mas isso não parece ser o que Singer tem em mente quando formula seu argumento. Singer está convencido de que os ricos dos países desenvolvidos têm uma obrigação moral no sentido mais forte em assistir os pobres em situação de risco. Isso porque existe uma discrepância de oportunidades recebidas pelos indivíduos em diferentes partes do mundo. Enquanto alguns indivíduos têm a sorte de nascer em países ricos, outros nascem em regiões onde lutam para sobreviver desde o nascimento, essa não parece ser uma distribuição justa de bens de um ponto de vista imparcial, e é por esse motivo que mesmo tendo conseguido seu dinheiro de forma honesta, de um ponto de vista moral, os ricos têm a obrigação de ajudar os pobres;

3) *Doar dinheiro para os países pobres é tirar a responsabilidade dos governos locais de lidar com os problemas enfrentados pelos seus cidadãos.* Muitas vezes os governos dos países pobres são responsáveis pela situação degradante enfrentada pelos seus cidadãos. Corrupção e a disputa pelo poder em alguns desses países são características negativas que contribuem para o aumento da miséria, portanto, oferecer doações para esses países, muitas vezes, é financiar governos corruptos e tirar-lhes a responsabilidade para com os seus cidadãos. Tudo isso a longo prazo é uma receita catastrófica para a população desses países. Os defensores da ajuda humanitária para os países pobres acreditam que não doar para a caridade e esperar que os governos desses países tomem alguma atitude, é ignorar as mortes causadas pela miséria e que poderiam ser facilmente evitadas por meio de doações para as instituições de caridade. Também acreditam que não fornecer ajuda agora, pode tirar a oportunidade dos indivíduos desses países de lutar por instituições mais justas no futuro. Isso seria equivalente a abandonar a criança que está se afogando a própria sorte, imaginando que assim os pais dessa criança se tornariam mais responsáveis na próxima vez em que um filho se afogasse.

4) *Quando doamos o nosso dinheiro para os países pobres que não conseguem alimentar suas populações contribuimos para o crescimento populacional desses países, se agora esses países não conseguem alimentar a população que têm, com uma população maior a situação seria ainda mais difícil.* Deste modo, estaríamos contribuindo para o aumento do sofrimento. Aqueles que levantam esse tipo de objeção têm em mente um sistema de triagem que, geralmente, é utilizado no atendimento médico quando os recursos são escassos. O sistema funciona da seguinte forma: podemos dividir os pacientes que precisam de atendimento em três

grupos; a) Pacientes que não estão em uma condição muito grave e que mesmo sem tratamento sobreviverão; b) Pacientes em situação grave em que o tratamento médico pode fazer a diferença entre a vida e a morte; c) Pacientes com um quadro extremamente grave em que o tratamento médico não pode fazer mais do que aliviar a dor. Nessas circunstâncias, o sistema de triagem nos diz que o tratamento médico deve ser oferecido aos pacientes do grupo “b”, aqueles para quem o tratamento médico pode fazer a diferença entre a vida e a morte. Os críticos da obrigação moral da ajuda com base no crescimento populacional dos países pobres traçam o seguinte paralelo com o caso da triagem no tratamento médico: a) Temos os países pobres que demonstram, mesmo sem a ajuda humanitária, serem capazes de superar os problemas internos; b) Temos os países pobres para os quais a ajuda humanitária pode fazer a diferença entre o sucesso ou o fracasso na luta contra a pobreza extrema; c) Temos os países pobres que não têm demonstrado capacidade de combater a pobreza extrema mesmo a longo prazo. Seguindo a analogia, a ajuda humanitária deveria ir para aqueles países do grupo “b”. O que acontece segundo os críticos é que na realidade a vasta maioria dos países que precisam de ajuda se encontram no grupo “c”. Esses países não demonstram formas de combater a miséria e ajudá-los seria, segundo os críticos, uma forma de perpetuar a dor e o sofrimento causados pela pobreza extrema. Isso porque o crescimento populacional financiado pela a ajuda humanitária aumentaria o número de pessoas vivendo na pobreza extrema, portanto, a ajuda humanitária deveria ser suspensa. Esse é um tipo de raciocínio consequencialista que segundo Singer, falha em suas previsões. Na década de 70, alguns estudiosos, entre eles, Garrett Hardin,⁸ defendiam que países pobres com um alto índice de crescimento populacional não seriam capazes de alimentar suas populações, entretanto, países como Índia e Bangladesh, que experimentaram nos últimos anos um crescimento populacional considerável, aumentaram também a capacidade de alimentar suas populações. A perspectiva da triagem aplicada a ajuda humanitária aos países pobres além de não ter evidências suficientes em seu favor, parece contrariar as nossas intuições morais a respeito da ajuda. Trata-se de uma alternativa que exhibe certa crueldade. Deixar as pessoas a mercê da sorte para evitar um possível aumento do sofrimento no futuro, definitivamente, não parece ser o melhor que podemos fazer. Programas de educação e distribuição de preservativos têm contribuído para a diminuição da velocidade do crescimento populacional dos países mais pobres, isso contraria as previsões daqueles que imaginam um

⁸ Garrett Hardin era filósofo e ecologista e defendia a interferência mínima das pessoas na natureza. Ele aplicou a sua teoria de defesa do meio ambiente chamada de “tragedy of the commons” ao crescimento populacional. Ele tinha em mente um uso racional dos recursos naturais que são compartilhados por todos os indivíduos, aplicando essa ideia aos recursos disponíveis aos países pobres para alimentar suas populações.

futuro com países pobres superpopulosos e incapazes de alimentar suas populações. Além disso, como já dissemos na resposta a objeção anterior, quando ajudamos essas pessoas, damos a elas a possibilidade de sobreviver e lutar por uma sociedade mais justa.

Essas são apenas algumas das objeções levantadas por aqueles que não aceitam a argumentação proposta por Singer em favor da obrigatoriedade moral da ajuda.

2.4 O ARGUMENTO

Podemos formalizar o argumento de Singer da seguinte maneira:

Primeira premissa: A pobreza extrema é uma coisa ruim.

Segunda premissa: Se temos o poder de evitar que algo de ruim aconteça, sem sacrificar algo que tenha importância comparável, então devemos fazê-lo.

Terceira premissa: Doando para instituições de caridade que lutam para reduzir a pobreza extrema ao redor do mundo, é possível evitar que algo de ruim aconteça, sem sacrificar algo que tenha importância comparável.

Conclusão: Portanto, temos a obrigação moral de doar para as instituições de caridade que lutam para reduzir a pobreza extrema ao redor do mundo.

Temos um forma argumentativa clássica que garante a validade do argumento.⁹ Agora nos resta, portanto, avaliar a solidez do argumento, ou seja, avaliar se as premissas são todas verdadeiras.

A primeira premissa do argumento parece não precisar de uma defesa muito elaborada. Dificilmente encontraríamos alguém disposto a defender que a pobreza extrema e toda a consequência negativa resultante dela não sejam ruins. Fome, falta de assistência médica, falta de moradia decente, são intrinsecamente ruins. Singer afirma o seguinte a respeito da primeira premissa:

⁹ *Modus ponens:* quando temos uma condicional (se p , então q) e afirmamos a antecedente p , podemos inferir q .

Seria difícil encontrar uma visão ética plausível que não considerasse a pobreza extrema, com o sofrimento causado pela morte de crianças e adultos, sem mencionar a falta de acesso à educação, a falta de esperança, a falta de perspectiva e a humilhação causados por ela, como uma coisa ruim. (1980, p. 201)

A segunda premissa é a premissa central do argumento e aquela que provavelmente recebe mais críticas. Singer não procura estabelecer um parâmetro daquilo que podemos sacrificar sem danos para nossa individualidade em favor da ajuda aos que estão em situação de risco, ao contrário, pensa que essa é uma obrigação de cada indivíduo: “não sei o que *you* pode pensar que seja tão importante quanto salvar uma vida [...] Deixando a seu critério decidir quais são essas coisas, posso escapar da necessidade de descobri-las.” (SINGER, 2010, p. 16). Singer confia na honestidade de cada indivíduo sobre o que teria importância comparável a algo de ruim que está acontecendo e que, portanto, não deveria ser sacrificado. O experimento mental utilizado por ele, em que uma criança está prestes a se afogar, é uma “aplicação desse argumento em defesa da ajuda humanitária, já que arruinar seus sapatos e se atrasar para o trabalho são coisas de muito menor importância do que a vida de uma criança” (SINGER, 2010, p. 14). O que Singer parece sugerir ao deixar cada indivíduo decidir o que têm importância comparável ou não, é que casos de fronteira, como por exemplo, pagar pela educação dos filhos ou enviar dinheiro para caridade, existem, e, são difíceis de serem resolvidos com base em algum critério abstrato, mas existem também aqueles casos em que obviamente o que sacrificamos não tem importância alguma se compararmos ao que de ruim podemos evitar. Singer parece exigir, em casos como esses, o nosso comprometimento moral e honestidade em relação às nossas atitudes.

Uma das principais críticas feitas ao AE está diretamente relacionada ao estabelecimento de critérios que determinam aquilo que deveríamos considerar importante para uma vida satisfatória. MacAskill sugere que “a mesma quantidade de dinheiro pode beneficiar cem vezes mais as pessoas mais pobres do mundo do que beneficiaria o típico cidadão americano” (MACKASKIL, 2015, p. 22). A ideia por trás dessa afirmação é a de que os ricos gastam dinheiro com coisas das quais não precisam, simplesmente por prazer ou vaidade, dinheiro esse que faria uma grande diferença na vida das pessoas vivendo em situação de pobreza extrema. Mas essa crítica não se limita aos ricos e suas vidas luxuosas, para os altruístas eficazes, mesmo a classe média gasta dinheiro com coisas das quais não precisa. Uma ida ao cinema, uma taça de vinho, um jantar em um restaurante sofisticado, tudo isso parece

inaceitável para os altruístas eficazes enquanto milhões de pessoas vão para cama com fome todos os dias em países pobres.¹⁰

Assim como os altruístas eficazes, Singer considera imoral a falta de consideração aos problemas do mundo, especialmente a miséria, demonstrada por aqueles que vivem suas vidas a esbanjar suas fortunas:

A maioria das pessoas tem certeza absoluta de que não hesitaria em salvar uma criança que está se afogando – e o faria ainda que isso tivesse um custo significativo. Mas, enquanto milhares de crianças morrem a cada dia, gastamos dinheiro em coisas que consideramos corriqueiras e cuja a ausência dificilmente perceberíamos. (SINGER, 2010, p. 11)

Encontrar uma resposta definitiva a respeito daquilo que deveríamos considerar tão importante quanto evitar a morte de uma criança - e que por isso não deveríamos sacrificar - parece algo distante da realidade. Isso acontece, especialmente, se levarmos em consideração casos de fronteira em que enfrentamos dilemas muito difíceis de serem resolvidos, mas em casos em que o que precisamos sacrificar para salvar a vida de uma criança é algo irrelevante, não o fazer é ignorar o sofrimento alheio e não considerar os interesses dessa criança de modo imparcial e, portanto, não agir eticamente. Outra objeção comumente levantada a essa premissa é a seguinte: se eu não sou o responsável pelo sofrimento daqueles que vivem na miséria, não parece justo que eu tenha qualquer *obrigação moral* em ajudá-los. Segundo Singer, esse tipo de raciocínio é apoiado pelo processo de evolução dos seres humanos formado em pequenos grupos e comunidades que raramente tinham contato umas com as outras e por conta disso “nós desenvolvemos princípios éticos para nos ajudar a lidar com os problemas dentro da nossa comunidade, não para lidar com aqueles que estão fora dela” (SINGER, 1980, p. 216). Singer considera que tal objeção em um mundo globalizado e extremamente conectado deixa de fazer sentido, segundo ele, é evidente a forma como os indivíduos das nações mais abastadas e seus governos interferem de forma decisiva na vida daqueles que vivem nos países mais pobres. O mercado global e sua relação comercial com governantes corruptos é uma forma direta de interferência dos países ricos nos países pobres e na vida de seus cidadãos. Os produtos consumidos em países ricos muitas vezes são fruto da exploração dos indivíduos que vivem nos países mais pobres. Outro aspecto de interferência extremamente relevante é a produção

¹⁰ De acordo com a ONU são cerca de 800 milhões de pessoas que vão dormir com fome todos os dias: <https://news.un.org/pt/story/2016/09/1564461-ainda-temos-cerca-de-800-milhoes-de-pessoas-que-vao-dormir-com-fome>

excessiva de gases poluentes por parte dos países ricos que afeta o clima global e, portanto, afeta também os países mais pobres. Em muitos desses países as populações dependem de boas condições climáticas e chuva adequada para ter boas colheitas e conseqüentemente comida para alimentar suas famílias, essas condições são afetadas diretamente pela maneira como as sociedades dos países ricos vivem. Singer afirma que:

Em um mundo que não tem mais capacidade de absorver os gases do efeito estufa sem as conseqüências de mudanças climáticas prejudiciais, a filosofia “você me deixa em paz, eu deixo você em paz” se tornou quase impossível de praticar, pois requer a interrupção do lançamento de mais gases estufa na atmosfera. Sem isso não estamos deixando os outros em paz. (SINGER, 2010, p. 31)

A terceira premissa nos diz da possibilidade de evitar que algo de ruim aconteça – notadamente, o sofrimento causado pela miséria – sem que para isso seja preciso sacrificar coisa alguma que tenha importância comparável. De que maneira poderíamos cumprir esse objetivo? Para Singer e também para os altruístas eficazes fazendo doações para as instituições de caridade nós reduzimos o sofrimento sem que seja preciso um grande sacrifício. Algumas instituições de caridade trabalham diretamente com os pobres dos países em desenvolvimento e reduzem de maneira significativa o sofrimento e as mortes causados pela pobreza extrema.

Quando nos disponibilizamos a doar parte dos nossos recursos para as instituições de caridade que tentam aliviar o sofrimento em países pobres, surgem algumas dúvidas a respeito dessas instituições e um clima de ceticismo parece aflorar. Muitas instituições não oferecem provas de que seus programas estão de fato contribuindo para reduzir a pobreza ou se limitam, quando são solicitadas, a oferecer material publicitário em que imagens de crianças felizes e bem nutridas estão ao lado do logotipo da instituição, ou ainda, imagens de crianças desnutridas e com fome que serão beneficiadas pela nossa doação. São raras as instituições de caridade que oferecem dados que comprovem que o dinheiro doado realmente alcança o objetivo final.

Outro motivo para o ceticismo em relação às instituições de caridade é ideia comum de que uma grande parte do dinheiro recebido por essas instituições é direcionado para cobrir custos administrativos. O AE surge como uma tentativa de pôr fim a esse ceticismo e, para isso, avalia constantemente a eficácia das instituições de caridade. Aquelas que oferecem evidências de que os programas desenvolvidos por elas são eficazes recebem a recomendação do movimento e são ranqueadas entre as instituições de caridade mais eficazes, conseqüentemente, veem o número de doações aumentar. Singer defende que mesmo que exista uma chance

pequena das doações serem perdidas em projetos ineficazes ou em custos administrativos, o custo para fazer essas doações é relativamente baixo e, portanto, vale a pena correr o risco. Risco que pode ser praticamente eliminado se seguirmos as recomendações do AE.

Vivemos um momento único na história da humanidade em que a globalização e o avanço das tecnologias têm facilitado, sobremaneira, a possibilidade de uma mudança em nossas vidas. Jovens que atingiram a maturidade nesse milênio têm demonstrado uma grande necessidade por mudança. Não podemos mais ser espectadores indiferentes da tragédia global causada pela fome e pela falta de recursos básicos. De um ponto de vista moral temos a obrigação de lutar pelos interesses daqueles que vivem uma vida de sofrimento. O AE surge influenciado pelos escritos do professor Singer e busca, entre outras coisas, diminuir o sofrimento causado pela miséria. Como veremos no próximo capítulo, os altruístas eficazes vivem de forma modesta para cumprir com a obrigação moral de ajudar. Será o AE muito exigente, em um nível que jamais conseguiríamos alcançar? Ao avaliarmos as diretrizes do movimento podemos tentar responder a essa pergunta e, mais do que isso, avaliar se estamos cumprindo com a nossa obrigação moral de ajudar.

3. ALTRUÍSMO EFICAZ E O MAIOR BEM QUE PODEMOS FAZER

Em 2006, Holden Karnofsky e Elie Hansesfeld decidiram que investiriam parte do seu dinheiro em instituições de caridade que pudessem aliviar o sofrimento daqueles em situação de pobreza extrema. Eles trabalhavam em uma companhia de investimentos em Connecticut, EUA. Diante da falta de dados sobre quais as instituições de caridade seriam as mais eficazes e quais as causas seriam as mais urgentes, decidiram após uma longa pesquisa que obteriam mais sucesso em sua empreitada, se criassem meios para que os doadores pudessem avaliar o que era feito com o dinheiro de suas doações. Desta forma, criaram, juntamente com alguns companheiros da área de finanças a *Give Well* que se tornou um dos principais avaliadores de instituições de caridade do mundo. Segundo a organização algumas instituições chegam a ser até 100 vezes mais eficazes do que outras. O objetivo da *Give Well* é criar uma rede confiável de avaliação das instituições de caridade que possibilite aos doadores a garantia de que suas doações terão realmente o resultado desejado.

Em 2009, Toby Ord, um estudante de filosofia do Balliol College, Oxford, decidiu que doaria uma grande parte do dinheiro que ganhasse durante sua carreira para instituições de caridade que efetivamente aliviassem o sofrimento de pessoas em extrema pobreza em países pobres. Na época, Toby Ord, descobriu que muitos dos seus colegas de faculdade, entre eles Will Mackaskill, tinham o mesmo plano. Juntamente com Will Mackaskill criou a *Giving What We Can*, que tem como objetivo a criação de uma comunidade de doadores que estejam dispostos a doar pelo menos 10% dos seus ganhos para as instituições de caridade mais eficazes do mundo. Obviamente, o objetivo final é a redução da pobreza extrema no mundo.

Em 2011, Will Mackaskill criou a *Eighty Thousand Hours* trata-se de um guia de carreiras para jovens que buscam ter um impacto positivo no mundo por meio de suas profissões. A *Eighty Thousand Hours* indica as carreiras de maior sucesso, onde se pagam os melhores salários e que possibilitam aos jovens doar mais dinheiro para instituições de caridade mais eficazes. Além disso, a *Eighty Thousand Hours* fornece um guia de carreiras em que os jovens podem ter um impacto positivo direto por meio do seu cargo, em áreas como a política ou advocacia, por exemplo.

Giving What We Can e *Eighty Thousand Hours* estão incorporados ao *Centre for Effective Altruism* uma coalisão de projetos relacionados ao Altruísmo Eficaz que tem sua base na Universidade de Oxford. Outras organizações como *The Life You Can Save* e *Animal Charity Navigator* também fazem parte do movimento. Uma palestra do Professor Peter Singer no canal

de palestras TED talk¹¹, intitulada *The Why and How of Effective Altruism* já alcançou mais de 1 milhão de visualizações desde que foi colocada on-line pela primeira vez em 2013. Alguns livros foram lançados recentemente sobre o AE e abordam a maneira inovadora como o AE vem modificando a cultura da doação. Estima-se que só no ano de 2016 US\$ 17 milhões foram destinados as instituições de caridade que foram recomendadas pelo AE.

O AE, apesar de ser um movimento recente, tem ganhado cada vez mais adeptos o que sugere uma mudança no comportamento das pessoas que querem ser altruístas. Especialmente os jovens que são chamados de *Millennials* geração que atingiu a maturidade nos anos 2000. Esses jovens têm realizado um trabalho científico de pesquisa sem precedentes na história da filantropia.

Centros de difusão do AE em algumas das principais universidades do mundo e uma rede de websites são responsáveis pela pesquisa, desenvolvimento e divulgação do movimento.¹² Apesar de se tratar de um movimento recente, o AE ganha cada vez mais espaço na mídia, nos últimos anos alguns artigos sobre o movimento foram publicados em jornais de grande circulação como, por exemplo, *Washington Post* e *New York Times*.

Neste capítulo faço uma apresentação das características gerais do movimento, são elas: 1) avaliar onde podemos ter o maior impacto positivo; 2) viver de forma modesta para doar mais; 3) ganhar para doar; 4) avaliar quais as instituições de caridade são mais eficazes; 5) resolver comparações difíceis. Logo depois apresento algumas das objeções mais comuns recebidas pelo movimento e tento respondê-las.

3.1 ONDE PODEMOS TER O MAIOR IMPACTO POSITIVO?

Quando pensamos no que deveríamos fazer para tornar o mundo um lugar melhor alguns candidatos como, reduzir a emissão de gases poluentes; impedir a fabricação e o uso de armas nucleares; reduzir o sofrimento dos animais não humanos; lutar contra a miséria nos países em desenvolvimento; lutar contra o racismo e a desigualdade social e de gênero etc. São algumas das causas que recebem maior atenção. Mas serão essas as causas mais urgentes, aquelas onde nossos esforços e recursos podem fazer a maior diferença? É fundamental, se estivermos genuinamente interessados em ter um impacto positivo no mundo, saber se o que estamos

¹¹ TED talks é um canal de palestras (geralmente com duração de 18 minutos) que busca espalhar ideias sobre inovação e criatividade. <https://www.ted.com/>

¹² Nesse link estão listados alguns dos principais websites ligados ao AE <https://earthbound.report/2015/06/22/10-effective-altruism-websites/>

fazendo é, de fato, o melhor que podemos fazer. A respeito disso MacAskill afirma que “nós seremos capazes de ajudar mais pessoas em grande escala em algumas causas do que em outras [...] por isso, devemos pensar cuidadosamente em quais causas devemos focar” (MACASKILL, 2015, p. 179 trad. nossa).

Essa recomendação, qual seja, a de que devemos escolher com cuidado onde devemos empregar nossos esforços para fazer do mundo um lugar melhor é, provavelmente, a que exige maior esforço das nossas capacidades investigativas e, por isso, muitas pessoas acabam por escolher aquelas causas que estão mais próximas de seus interesses pessoais. Isso, por vezes, compromete o desempenho do altruísmo como tentativa de fazer do mundo um lugar melhor, isto porque, nem sempre as causas escolhidas são aquelas em que podemos fazer a maior diferença.

Dada essa dificuldade na escolha das causas mais urgentes ou aquelas em que poderíamos fazer uma diferença substancial com a nossa ajuda, um grupo de altruístas eficazes, entre eles William MacAskill, criou um método investigativo que facilita o modo como podemos avaliar diferentes causas. Mas MacAskill alerta que “embora, o objetivo do AE seja alcançar uma abordagem científica para fazer o bem, ele não é exatamente como a física: há ainda bastante espaço para a diferença de opiniões.” (MACASKILL, 2015 p. 180 trad. nossa). Entretanto, isso não impede a formação de uma opinião rigorosa a respeito de quais causas deveriam receber os nossos esforços.

Segundo os altruístas eficazes devemos nos concentrar em três pontos antes de egermos uma causa como aquela em que deveríamos direcionar nossos esforços: 1) a escala ou o tamanho do problema; 2) a quantidade de ajuda já direcionada ou negligenciada para essa causa; 3) a possibilidade de solução do problema. Discutirei agora a aplicação de cada um desses pontos dentro do processo avaliativo.

Escala ou tamanho do problema. Segundo os altruístas eficazes devemos dar prioridade para aquelas causas que afetam mais pessoas, isso depois de mensurar a gravidade do problema. Imagine que numa situação catastrófica dois terremotos atingem – de forma simultânea - dois países diferentes. O país “A” é mais rico do que o país “B” e tem condições adequadas para tratar os feridos e desabrigados com mais eficácia, além disso, por contar com uma estrutura preparada para enfrentar terremotos a população de “A” foi menos afetada do que a população de “B”, ainda assim, a ajuda internacional é importante para “A” dada a magnitude do terremoto que o atingiu, por outro lado, temos “B”, país pobre e sem estrutura adequada para enfrentar tragédias do tipo, por esse motivo mais pessoas foram afetadas pela tragédia. Na posição de

doadores informados parece óbvio que deveríamos doar o nosso dinheiro para as instituições que trabalham para reduzir os efeitos da tragédia em “B” e não em “A”. Infelizmente, nem sempre é isso o que acontece, em 2011, após o tsunami que atingiu a costa do Japão, causando a morte de aproximadamente 16.000 pessoas, os americanos enviaram em doações o equivalente a 760 milhões de dólares para a ajuda na recuperação do país asiático.¹³ Um ano antes um terremoto atingiu o Haiti, pequeno país em desenvolvimento da América Central, o número de mortos na tragédia é estimado em aproximadamente mais de 200 mil pessoas, doze vezes mais do que no Japão, entretanto, os americanos doaram ao povo haitiano cerca de 466 milhões de dólares, um dos motivos para esta distinção na ajuda, talvez tenha a ver com a ampla cobertura que a mídia deu no caso do tsunami que atingiu o Japão, cobertura que foi mais discreta no caso do terremoto no Haiti. Parece óbvio que quando estamos genuinamente interessados em produzir o maior bem possível, levar em consideração a escala do problema ao qual direcionamos os nossos esforços é o caminho mais promissor.

Outro aspecto importante ao considerarmos o tamanho do problema é a probabilidade de avaliarmos melhor a eficácia dos nossos investimentos. Com relação a isso MacAskill afirma o seguinte:

A escala do problema também determina o quanto esperamos que o problema persista. Não há razão para investir uma quantidade significativa de tempo ou dinheiro em uma determinada causa se sabemos que esse problema será resolvido em alguns anos. Da mesma forma, se o problema é muito grande, então isso consumirá uma quantidade exacerbada de recursos até que possamos encontrar as oportunidades mais eficazes de resolvê-lo. (MACASKILL, 2015, p. 182 trad. nossa).

MacAskill acredita que devemos nos concentrar na busca das melhores oportunidades de fazer o bem. Levando em consideração o exemplo dado anteriormente sobre terremoto temos a seguinte situação: no primeiro caso, por maior que seja o problema, ele parece estar próximo de ser solucionado e nossa ajuda não faria uma grande diferença, isso porque, muitas pessoas já estão ocupadas em ajudar e as oportunidades para fazer a diferença tornam-se mais escassas. No segundo caso, o problema é de fato maior do que no primeiro, e ele se torna ainda maior precisamente pela falta de recursos empregados para a solução do problema, bem como, pela falta de estrutura para resolvê-lo. Resolver o problema seria algo incrível, mas há uma grande

¹³ <http://www.humanosphere.org/basics/2014/03/why-americans-donated-730-million-to-aid-japan-after-quake-tsunami/>

dificuldade na avaliação das evidências de que nossas ações, de fato, produzirão o melhor resultado possível, como consequência ao escolher ajudar causas como essa correríamos o risco de desperdiçar nossos esforços.

Isso nos permite concluir que avaliar a escala do problema que queremos resolver é importante para a escolha da causa mais urgente, mas devemos, além da escala, adicionar outro critério igualmente importante a saber: se uma determinada causa já recebe ajuda suficiente, ou se de alguma forma ela é negligenciada, se de fato, há ainda espaço para que possamos fazer alguma diferença com a nossa ajuda.

Será a causa a qual pretendemos ajudar negligenciada? Esse aspecto está diretamente relacionado aos investimentos feitos em uma determinada área e a capacidade de receber novos investimentos. Algumas causas recebem grande quantidade de recursos, enquanto outras são ignoradas. Podemos usar como exemplo a atenção direcionada à arrecadação de recursos para o tratamento da AIDS ou da Malária, enquanto outras doenças, menos populares, como as doenças parasitárias são deixadas de lado. Muitas vezes a capacidade de fazer uma diferença significativa por um custo-benefício alto está nas áreas que são negligenciadas. Respostas emocionais a propagandas feitas por diversas instituições de caridade podem nos levar a cometer erros de raciocínio. As imagens apelativas usadas nessas propagandas nos fazem doar sem avaliar se a causa em questão já não estaria recebendo doações suficientes.

É importante saber que os altruístas eficazes, como a maior parte das pessoas, também se comovem com essas causas que recebem mais atenção, mas usam a razão para avaliar onde o seu dinheiro e tempo podem fazer o maior bem. A propósito disso, MacAskill afirma que: “aquelas causas sobre as quais nós ouvimos sempre são, precisamente, aquelas onde fazer uma grande diferença é mais difícil, por outro lado, aquelas em que menos somos informados são as que podemos causar um grande impacto positivo” (MACASKILL, 2015 p. 184 trad. nossa).

Outro aspecto importante considerado pelos altruístas eficazes na escolha da causa mais urgente e, portanto, onde deveríamos concentrar nossos esforços para termos o maior impacto positivo é a *possibilidade de solução desse problema* ou a *tratabilidade desse problema*. Um problema pode ser grande e altamente negligenciado, essas são condições necessárias para escolhermos onde empregar nossos esforços, mas não são suficientes, precisamos saber se a médio ou longo prazo o problema tem solução. Se não tivermos evidências suficientes de que o problema pode ser solucionado, então investir nossos recursos na luta por essa causa é uma espécie de desperdício de boas intenções. MacAskill usa como exemplo o envelhecimento, segundo ele, trata-se de um problema “imensamente importante e bastante negligenciado [...]

mas que infelizmente muito pouco pode ser feito a respeito.” (MACASKILL, 2015 p. 182 trad. nossa). Existe muita coisa sendo feita a respeito dos sintomas do envelhecimento, das doenças causadas pelo desgaste do corpo e pela idade avançada, mas pouco pode ser feito para a prevenção do envelhecimento.

Podemos concluir dizendo que para os altruístas eficazes se estamos interessados de fato em fazer o maior bem possível, não basta apenas seguir nossos impulsos emocionais e doarmos nossos recursos às cegas, devemos considerar as razões estabelecidas com base nas três condições necessárias estabelecidas previamente e levar em conta as evidências em favor das nossas escolhas. Desta forma, conseguimos escolher quais as causas em que podemos ter o maior impacto positivo sem correr o risco de sermos influenciados por apelos emocionais muitas vezes utilizados como armadilhas por instituições de caridade.

3.2 VIVER UMA VIDA MODESTA E DOAR MAIS

Mas será somente a escolha da melhor causa para investirmos nosso tempo e dinheiro o maior bem que podemos fazer? Outra sugestão é bastante recorrente dentro movimento, ela diz respeito ao tipo de vida que devemos levar se estivermos interessados em fazer o maior bem possível. No primeiro capítulo de *Quanto Custa Salvar Uma Vida?* Peter Singer relata alguns fatos sobre a riqueza nos dias de hoje, embora, o livro tenha sido escrito em 2009, alguns fatos ainda são bastante atuais, ele relata não só a ostentação dos super ricos “que gastam seu dinheiro com casas palacianas, barcos ridiculamente grandes e luxuosos e aviões privados” (SINGER, 2009 p. 9) Como também a vida “luxuosa” de cidadãos de classe média dos países ricos. Para Singer, a evolução observada nos últimos anos contribuiu sobremaneira para que as pessoas que vivem hoje nos países ricos tenham atingido um nível de riqueza incomparável. E não é só isso, segundo Singer essas pessoas vivem muito melhor do que os próprios avós. “Para início de conversa, a expectativa de vida é 30 anos maior. Um século atrás, uma criança em cada 10 morria na infância. Agora na maior parte dos países ricos, esse dígito é menor de uma em 200” (SINGER, 2009 p. 8). Ele continua dizendo “os americanos gastam, em média, somente 6 % da renda com a compra de alimentos. Se a semana de trabalho é de 40 horas, precisam de apenas duas horas para acumular o suficiente para se alimentarem durante aquela semana” (SINGER, 2009 p. 9)

Singer enfatiza o modo opulento como a maior parte das pessoas vive nos países ricos para logo depois contrastar com a miséria encontrada nos países em desenvolvimento. Ele tenta

dessa forma demonstrar que enquanto os cidadãos das nações ricas gastam dinheiro com coisas desnecessárias – do ponto de vista da sobrevivência – pessoas pobres dos países em desenvolvimento se empenham em uma luta diária cujo o único objetivo é a sobrevivência. Isso, para Singer, obviamente é uma injustiça e uma das formas de reduzir essa injustiça passa pelo modo que encaramos aspectos éticos de nossas vidas, como por exemplo o altruísmo.

Mas qual seria, para os altruístas eficazes a maneira eticamente adequada de conduzir nossas vidas uma vez que temos condições financeiras suficiente para levarmos uma vida tranquila? A resposta para essa pergunta passa pela própria definição do que seria levar uma vida tranquila. Geralmente, quando pensamos no que seria levar uma vida tranquila a parte financeira é apenas um dos aspectos dessa vida. Pensamos que talvez, uma vida serena e virtuosa seja, em certa medida, uma vida tranquila. Mas o que está aqui em jogo é necessariamente ligado ao aspecto financeiro. Se você tem condições financeiras de atingir todas as suas necessidades básicas, e depois disso ainda lhe sobra algum dinheiro para gastar com aquilo que bem entender, então essa é uma posição privilegiada no mundo. Privilegiada não só porque te coloca entre uma minoria rica e despreocupada com as mazelas causadas pela falta de recursos, mas também porque te coloca em uma posição propícia para ajudar os mais necessitados por meio de doações.

A maior parte dos altruístas eficazes, assim como Singer, acredita que viver uma vida despreocupada e gastando dinheiro com coisas desnecessárias, enquanto milhões de crianças morrem todos os anos por causas relacionadas a pobreza extrema, é imoral. Por isso, fazem coisas como, por exemplo, viver uma vida mais modesta com o intuito de doar mais para as instituições de caridade mais eficazes.

Julia Wise presidente da meta-instituição de caridade *Giving What We Can* é um dos exemplos de como um altruísta eficaz age. Ela reduz os gastos da família, vive de forma modesta e juntamente com seu marido Jeff doa cerca de metade de seus rendimentos para instituições de caridade. Singer dedica algumas páginas de *O Maior Bem que Podemos Fazer* para contar a história de Julia e mostrar como ela encontrou satisfação em sua escolha em doar parte de sua renda para os menos favorecidos. Outros exemplos são utilizados por Singer, alguns deles com rendimentos mais altos e outros nem tanto, mas o que une todos eles dentro de um mesmo prisma é o fato de reduzirem drasticamente o gasto com coisas desnecessárias a fim de doar mais dinheiro para a filantropia. Singer afirma o seguinte a respeito da importância da atitude desses jovens:

O Altruísmo Eficaz é para pessoas com origem muito diversas e para pessoas que, embora vivam em sociedades ricas, não ganham mais e, por vezes até ganham menos do que o rendimento médio na sua sociedade. Ao doarem, por exemplo, 10 % dos seus rendimentos a instituições de beneficência eficazes, podem salvar vidas, curar a cegueira ou marcar uma enorme diferença nas vidas das pessoas que podem viver com um rendimento que é, em poder de compra, equivalente a 1 % ou 2 % do rendimento médio nos Estados Unidos. (SINGER, 2015, p. 58)

Além disso, todos eles parecem encontrar satisfação naquilo que estão fazendo. Reduzem a miséria sem que isso afete de maneira drástica sua própria vida e tentam influenciar ainda mais pessoas para que possam aumentar o número de pessoas dispostas a ajudar.

3.3 GANHANDO PARA DOAR

Singer inicia o quarto capítulo de *O Maior Bem Que Podemos Fazer* afirmando o seguinte: “Embora seja possível ter um rendimento médio e, mesmo assim, doar o suficiente para fazer muito bem, é verdade que quanto mais ganharmos, mais podemos doar” (SINGER, 2015 p. 59). Entretanto, a maior parte das pessoas que se dedicam a ajudar o próximo, cometem erros de raciocínio em suas escolhas e acabam por tomar decisões que vão contra seus objetivos. Quando os jovens estão preocupados em escolher a carreira que devem seguir uma recomendação bastante recorrente e de senso comum é a de que “devemos seguir a nossa paixão” devemos trabalhar com aquilo que mais amamos, mas o que recomenda MacAskill em seu livro, em vez disso, é “não siga a sua paixão”, em vez disso, procure a carreira que lhe trará mais oportunidades de fazer o maior bem possível.¹⁴ Avançando na sua argumentação, MacAskill afirma que a escolha da carreira é um passo importante para aqueles que pretendem ter um impacto positivo no mundo. Digamos que você acabou de se formar em medicina e cultive um interesse genuíno em fazer do mundo um lugar melhor e para isso considera que deve lutar para reduzir a pobreza extrema. Você, certamente, consideraria a possibilidade de trabalhar para alguma instituição de caridade que tem como propósito justamente reduzir a pobreza extrema, certo? Mas será essa a melhor escolha? Segundo MacAskill e a maior parte

¹⁴ Don't “Follow Your Passion” Which Careers Make The Most Difference? É o título do capítulo 9 de *Doing Good Better*.

dos altruístas eficazes a resposta é não. Considerando a média salarial de um médico nos Estados Unidos que é de US\$ 193 mil por ano e que você conseguiria ter uma vida razoavelmente tranquila com um terço desse dinheiro, ainda lhe sobrariam dois terços que poderiam ser doados para as instituições de caridade mais eficazes. O que essas instituições de caridade conseguiriam fazer com esse dinheiro durante um ano salvaria a vida de tantas pessoas que um médico jamais sonharia em salvar durante todos os anos de sua profissão juntos.

MacAskill considera a escolha da profissão tão importante que criou, juntamente com Benjamin Todd a *Eighty Thousand hours* que aconselha jovens em início de carreira na escolha da profissão mais adequada para causar um impacto positivo no mundo. A *Eighty Thousand hours* usa a seguinte estrutura de perguntas para aconselhar esses jovens; 1) Como eu pessoalmente me encaixo nesse trabalho? 2) Qual é o meu impacto enquanto trabalho nessa profissão? 3) Como a escolha da profissão pode me ajudar a ter um impacto positivo ainda maior no futuro? Segundo a *Eighty Thousand hours* ao responder essas perguntas os jovens terão uma ideia mais apropriada de qual carreira escolher.

3.3.1 COMO EU PESSOALMENTE ME ENCAIXO NESSE TRABALHO?

Encontrar a satisfação na carreira que escolhemos é uma parte importante na escolha da profissão. Se quisermos ter um impacto positivo no mundo, devemos escolher uma carreira que nos mantenha felizes ao longo do tempo, não fazê-lo seria contraproducente e, portanto, nos deixaria menos próximos do nosso objetivo como afirma MacAskill no seguinte trecho:

Uma importante parte disso é se você será feliz fazendo o seu trabalho. As pessoas, geralmente, querem a satisfação no trabalho como um fim em si mesmo, mas isso também é um fator crucial quando pensamos sobre impacto: se você não está feliz com o seu trabalho, você será menos produtivo e terá maior probabilidade de ser demitido, resultando em menos impacto a longo prazo. Entretanto, nós devemos ser cuidadosos quando pensamos sobre como encontrar um trabalho que amamos. Tem muita informação enganosa por aí, que procura te fazer sentir bem, mas o verdadeiro caminho para a satisfação é de algum modo contra intuitivo. (MACASKILL, 2015 p. 148 trad. Nossa)

Para MacAskill é contra intuitivo porque nem sempre aquilo que amamos é de fato aquilo a que devemos nos dedicar, carreiras que despertam o maior interesse por parte dos jovens geralmente são aquelas em que as oportunidades são mais escassas, áreas como esportes em geral e artes são exemplos disso. Nessas áreas somente os melhores se destacam e

conseguem as melhores posições, portanto, devemos encontrar profissões que nos tragam satisfação mesmo que isso signifique não fazer aquilo que amamos. A satisfação segundo MacAskill pode ser encontrada se “descobrimos qual carreira devemos seguir baseado em nossos interesses atuais, devemos começar a procurar por um trabalho com certas características importantes. Se encontrarmos isso, então a paixão virá com o tempo” (MACASKILL, 2015 p. 151 trad nossa). Mas quais são essas características?

Para MacAskill, a psicologia nos fornece uma pista de como encontrar a profissão que nos traga mais satisfação. Segundo ele trata-se de um tipo de trabalho engajado que pode ser avaliado quando consideramos se ele cumpre cinco requisitos propostos pela teoria psicológica das características do trabalho: 1) Independência; 2) Senso de realização; 3) Variedade; 4) *Feedback* do trabalho; 5) Contribuição.

A *Independência* é a liberdade para desenvolver o seu potencial no trabalho sem a interferência excessiva dos seus superiores; o *senso de realização* é a sensação de que suas tarefas sejam completas e reconhecidas como tal, e não parte de um produto maior do qual a sua contribuição é mínima; a *variedade* tem a ver com as suas habilidades e talentos e o quanto eles são requeridos em atividades distintas; o *feedback do trabalho* é a facilidade que você tem em saber se tem feito um bom ou mal trabalho; a *contribuição*, por sua vez, é a diferença positiva que seu trabalho faz na vida das pessoas. Se no seu trabalho todos esses requisitos são cumpridos, então isso significa que você se encaixa nessa profissão e encontrará satisfação em sua carreira, ainda que essa não seja a profissão que você sempre sonhou. Se por meio da nossa profissão estamos interessados em fazer o maior bem possível, então encontrar uma carreira que seja satisfatória e que contemple a possibilidade de desenvolvimento profissional é muito importante. Vejamos agora outro aspecto importante: o impacto positivo que podemos ter enquanto ocupamos uma determinada profissão.

3.3.2 QUAL É O MEU IMPACTO ENQUANTO TRABALHO NESSA PROFISSÃO?

O interesse primordial dos altruístas eficazes é causar no mundo o maior impacto positivo. Uma das formas mais populares de se fazer isso, entre os altruístas eficazes, é a doação de dinheiro para as instituições de caridade mais eficazes. Portanto, se um altruísta eficaz dispõe de mais recursos para a doação muito melhor está a fazer o seu trabalho. Evidentemente, nem todas as pessoas que pretendem ser altruístas, ou altruístas eficazes dispõe de recursos de sobra

para a doação e isso, por vezes, acontece por não terem escolhido uma profissão que esteja entre as mais lucrativas. Mas será essa a única maneira de impactar o mundo em que vivemos por meio da nossa profissão? De fato, ganhar para doar é uma maneira bastante eficaz de impactar positivamente o mundo, mas para isso é preciso ter as aptidões necessárias para se encaixar no mercado de trabalho de forma que a carreira escolhida seja estimulante e, além disso, é necessário que se mantenha a disposição preliminar de doar parte dos seus ganhos para as instituições de caridade mais eficazes. Tanto Singer quanto MacAskill recomendam profissões que podem ajudar as pessoas em situação de risco sem que a doação de dinheiro seja a principal ferramenta. Profissões como, por exemplo, o influenciador, o burocrata, o pesquisador e ativistas, são bastante atraentes e recebem a atenção dos altruístas eficazes, especialmente, dos sites que guiam jovens em início de carreira. A avaliação de cada uma dessas carreiras, bem como, do impacto produzido por cada uma delas depende de uma série de variáveis. Vejamos alguns exemplos oferecidos por Singer em *O Maior Bem Que Podemos Fazer*:

1) *Influenciador*¹⁵

Para Singer um influenciador se for bem sucedido, realiza um trabalho que dificilmente seria comparável com a opção de ganhar para doar. William MacAskill é um exemplo de influenciador, por meio das meta-instituições que administra ele consegue atingir uma grande quantidade de pessoas e convencê-las a doar parte dos seus ganhos. Desta forma, provavelmente, MacAskill consegue ter um impacto positivo muito maior do que trabalhando no mercado financeiro e doando parte dos seus ganhos. Administrar instituições de caridade ou meta-instituições de caridade que lutam para mitigar o sofrimento das pessoas nos países mais pobres exige algumas aptidões difíceis de serem encontradas. Nesse caso, desde que tenha as habilidades necessárias, não se recomenda que a pessoa trabalhe para instituições financeiras com a finalidade de ganhar mais para doar. Como afirma Singer em relação a MacAskill e sua carreira como influenciador dentro do AE “A compreensão que Will tem da ética, as suas capacidades argumentativas, a sua experiência com o movimento do altruísmo eficaz [...] fazem dele uma pessoa extremamente difícil de substituir” (SINGER, 2015, p. 78). Ao passo que, substituir um voluntário comum dentro de uma instituição de caridade não é tão difícil.

¹⁵ “*Advocacy*” Advogado na trad. para a edição portuguesa de *O Maior Bem que Podemos Fazer* me parece não captar bem o verdadeiro significado do termo que seria algo como “uma pessoa que dá suporte a uma determinada causa e influencia outras a apoiarem a mesma causa” por isso a escolha por “influenciador”

2) *O Burocrata*

Trabalhar para organizações financeiras mundiais ou governos e ter influência nas decisões sobre os programas que essas instituições controlam é uma oportunidade muito grande de impactar o mundo positivamente. Singer usa o exemplo de um leitor que após ler o seu artigo *Famine, Affluence and Morality* resolveu pedir conselhos a ele sobre qual seria a melhor carreira a ser seguida uma vez que desejava doar grande parte dos seus rendimentos para aliviar a pobreza extrema. Gorby, nome fictício usado por Singer, havia aventado duas possibilidades; a primeira, trabalhar no mercado financeiro e doar parte dos seus ganhos e, a segunda, a possibilidade de conseguir um emprego no Banco Mundial. A segunda opção não era a sua preferida pelo fato de achar que o Banco Mundial estava causando mais sofrimento aos países do que ajudando a eliminar a pobreza. Singer, de qualquer forma, recomendou a Gorby que ele fosse trabalhar no Banco Mundial “sugerindo a possibilidade de ele ser um ‘Gorbachov no Banco Mundial’ e de ajudar a reformá-lo” (SINGER, 2015, p. 79).

Alguns anos mais tarde, Gorby, influenciou positivamente algumas decisões do Banco Mundial com recomendações mais eficazes. O impacto positivo gerado pelas escolhas de Gorby no Banco Mundial estão muito além do que ele poderia ter feito ao escolher uma carreira no mercado financeiro e doar parte dos seus ganhos.

É importante notar que ao recomendar carreiras lucrativas para que se doe parte dos ganhos, o AE aponta apenas uma das opções possíveis, talvez a mais próxima da realidade para a maior parte das pessoas, mas não exclui alternativas que podem ser tão eficazes quanto ou ainda mais eficazes do que ganhar para doar.

3) *O Pesquisador*

Uma profissão promissora para quem procura fazer do mundo um lugar melhor é sem dúvida alguma a de pesquisador. Dada a infinidade de problemas que existem e podem ser solucionados por descobertas científicas como, por exemplo, vacinas e remédios contra doenças que causam a morte de milhares de pessoas ao redor do mundo. A profissão de pesquisador parece ser um candidato óbvio quando estamos interessados em impactar positivamente o mundo, mas é importante que se ressalte a probabilidade de fazermos alguma diferença seguindo essa carreira. Segundo Singer, a probabilidade de um indivíduo fazer a diferença em algumas áreas de pesquisa científica é bastante remota dado o sucesso dessas áreas e quantidade de investimentos destinados a essas pesquisas.

Para os que têm aptidões especiais na investigação, pode haver oportunidades invulgares para fazer grande quantidade de bem numa carreira de investigação. Muito provavelmente, porém, não será nos campos óbvios, como descobrir uma vacina para a malária ou criar maior variedades de culturas de alimentos. [...] Os sucessos impressionantes e altamente publicitados nestes domínios atraíram muitos investigadores talentosos para as mesmas áreas de pesquisa; assim, há poucas hipóteses de um indivíduo – como o leitor – poder fazer descobertas importantes que, de outro modo não seriam feitas. (SINGER, 2015, p. 79).

A atividade de pesquisa recomendada por Singer em que parece ainda haver campo para que um investigador faça a diferença é o que ele chama de “investigação de priorização”, um campo da pesquisa científica que é descrita como uma atividade que busca avaliar quais organizações, causas e políticas merecem mais investimentos e atenção por possibilitarem o maior impacto positivo possível.

4) *Organizadores e Ativistas*

O ativismo e, especialmente, as organizações criadas por ativistas representam grande oportunidade de se fazer o bem. Algumas organizações não governamentais têm impactado imensamente a vida das pessoas mais necessitadas no mundo. Aqui, assim como, na carreira de influenciador o que deve ser levado em conta é a habilidade de um indivíduo de criar uma nova realidade por meio do seu trabalho como ativista ou fundador de alguma organização. Em 2003, o britânico, Rob Mather, assistiu em um programa de televisão a história de uma garotinha de 2 anos que teve 90% do seu corpo queimado em um incêndio residencial. Terri Calvesbert ficou presa em sua casa na cidade de Ipswich, em Suffolk, na Inglaterra que foi acidentalmente incendiada por sua mãe. Extremamente comovido com o caso, Mather decidiu levantar fundos para ajudar Terri no tratamento contra as consequências das queimaduras. Convidou alguns amigos para nadar e arrecadar dinheiro para ajudá-la no tratamento, o que havia começado com apenas três amigos em junho daquele ano se transformou em uma campanha mundial e em dezembro de 2003 a “*swim for Terri*” contava com mais de 10 mil pessoas em mais de 76 países nadando e arrecadando dinheiro para o tratamento de Terri. Adrew Garner, amigo de Mather criou um website, sem cobrar nada por isso, para que as pessoas envolvidas na campanha pudessem se conhecer e saber dos dados de arrecadação. Isso aumentou significativamente o número de pessoas dispostas a nadar e doar para a campanha. Depois de ter arrecadado dinheiro suficiente para o tratamento de Terri, Mather decidiu continuar e dessa vez com o objetivo de alcançar um milhão de pessoas nadando e arrecadando fundos para ajudar pessoas em situação

de risco. Foi então que surgiu a “*World Swimming Against Malaria.*” Mather ficou extremamente impressionado quando soube de um dado que muitas pessoas ignoram. Ele descobriu que todos os dias, o equivalente a 7 aviões 747 lotados de crianças com menos de 5 anos, morrem de malária. Mathew então passou a arrecadar fundos para ajudar na luta contra a doença. Foi assim que surgiu a *Against Malaria foudation* a instituição de caridade mais eficaz na luta contra as consequências da pobreza extrema, segundo os *websites* avaliadores de instituições de caridade que fazem parte do AE.

A *Against Malaria foundation* doa telas de proteção com inseticida para famílias na África. Essas telas protegem as famílias durante a noite, período de maior atividade do mosquito transmissor da malária. Com essa medida simples milhões de vidas foram salvas nos últimos anos e isso colocou a *Against Malaria Foundation* no topo do *Ranking* das instituições mais eficazes do mundo nos últimos anos de acordo com a *Give Well*.

Obviamente, nem todos os indivíduos obterão tanto sucesso quanto Mather se seguirem uma carreira similar, mas caso tenham disposição e habilidades para tal, a carreira de ativista e organizador de instituições de caridade é claramente uma alternativa bastante atraente.

3.3.3 COMO A ESCOLHA DA PROFISSÃO PODE ME AJUDAR A TER UM IMPACTO POSITIVO AINDA MAIOR NO MUNDO?

Para jovens em início de carreira a escolha da profissão pode determinar as oportunidades que se abrirão no futuro. Segundo, MacAskill, “por meio do seu primeiro emprego, você desenvolve um ‘capital de carreira’ – habilidades, *network* e credenciais – que lhe ajudarão a ter um emprego de grande impacto no futuro.” (MACASKILL, 2015 p. 158 trad nossa). As habilidades que são adquiridas nessa fase, como por exemplo, a habilidade de trabalhar em grupo, irá ajudá-lo a se desenvolver em oportunidades posteriores e a liderar equipes em outras empresas ou organizações. As relações interpessoais e as conexões feitas em uma primeira experiência de trabalho se refletem em uma extensa rede de contatos que representa novas oportunidades de trabalho e de desenvolvimento profissional. Iniciar a carreira em empresas que possuem prestígio e reconhecimento credencia o empregado na busca de novas oportunidades de emprego.

Para MacAskill outros dois pontos fundamentais na escolha de uma profissão que influencie no desenvolvimento profissional e conseqüentemente na quantidade de impacto positivo que podemos ter por meio de nossa carreira são: o quanto essa profissão mantém

oportunidades abertas e o que ele chama de “exploração de valor”, ou o quanto a profissão que escolhermos nos ensina e prepara para novas oportunidades de emprego no futuro. No primeiro caso, a facilidade de transição entre empresas privadas que priorizam o lucro para as organizações filantrópicas e o caminho oposto é um exemplo de como escolher uma profissão que mantenha as oportunidades abertas. Isso não acontece de forma simétrica, por exemplo, entre a área acadêmica e a indústria, é mais fácil sair da área acadêmica e encontrar um emprego formal na indústria do que percorrer o caminho inverso.

Essas considerações em relação a escolha da profissão que os jovens devem seguir são, em certa medida, bastante incomuns, especialmente se o objetivo por trás dessas recomendações é criar uma rede de doadores. Mas para aqueles que têm como objetivo ter um grande impacto positivo no mundo a escolha da carreira é parte fundamental desse processo. Portanto, aplicar um raciocínio cuidadoso e avaliar as evidências em favor da escolha de uma determinada profissão é fundamental para os altruístas eficazes. MacAskill afirma o seguinte sobre a maneira como devemos escolher um profissão:

As pessoas quando embarcam em suas carreiras frequentemente rejeitam essas considerações. Elas tendem geralmente a encarar a escolha da profissão como uma proposição de tudo ou nada: uma decisão única na vida que você faz aos vinte um anos de idade e que você não poderá mudar depois. Uma forma de combater esse erro é pensar sobre a escolha da carreira da mesma forma que um empresário pensaria sobre começar um negócio. Em ambos os casos, você começa com uma pequena quantidade de informações relevantes, mas você precisa usar essas informações para cobrir uma enorme quantidade de variáveis. Entretanto, com o desenrolar das coisas, essas variáveis mudam: você está constantemente ganhando novas informações, completamente inesperadas, oportunidades e problemas aparecem. (MACASKILL, 2015 p. 159 trad nossa)

O que MacAskill quer nos dizer é que a escolha racional e bem informada da profissão é uma forma inteligente de se preparar para ter sucesso no futuro, e para isso devemos levar em conta as possibilidades que a profissão que estamos a escolher nos oferece para o desenvolvimento da nossa carreira.

Segundo os altruístas eficazes escolher a carreira que devemos seguir é uma das formas mais eficazes de se fazer o maior bem possível, portanto, aqueles que estão interessados em ser altruístas da maneira mais eficaz possível, devem refletir cuidadosamente sobre as escolhas profissionais. Ganhar para doar é a escolha mais popular entre os altruístas eficazes, mas é importante que se leve em consideração as capacidades e habilidades para tal coisa, sobre isso

Singer afirma: “Que carreira deverei seguir a fim de fazer o maior bem? Dependerá dos seus interesses, talentos e caráter” (SINGER, 2009 p. 88). Outras opções permanecem abertas como foi explorado nessa seção e têm eficácia comparável com a ideia de ganhar para doar. Desta forma cabe a cada indivíduo avaliar e escolher racionalmente o caminho profissional que deve seguir a fim de poder impactar ainda mais o mundo de forma positiva.

3.4 AVALIAR QUAIS AS INSTITUIÇÕES DE CARIDADE SÃO MAIS EFICAZES

Avaliar a eficácia das instituições de caridade para as quais pretendemos doar o nosso dinheiro deveria ser algo comum, mas como já dissemos anteriormente, a maior parte das pessoas que doam para a caridade são guiadas quase que exclusivamente por apelos emocionais e não pela razão e acabam doando seu dinheiro para aquelas instituições que se saem melhor no jogo da propaganda e que, infelizmente, nem sempre são as mais eficazes.

Acessar os dados de programas e gastos das instituições de caridade nem sempre é uma tarefa fácil. Preocupados com esse cenário um grupo de oito amigos que trabalhava no mercado financeiro de *wall street* criou uma meta instituição de caridade a Give Well. Com base em seus conhecimentos técnicos - adquiridos no mercado financeiro - essas pessoas procuram aconselhar os doadores a doar para instituições que têm o melhor custo-benefício. A *Give Well* procura responder uma pergunta simples: onde eu devo doar o meu dinheiro? A resposta pode parecer óbvia à primeira vista: devemos doar para aquelas instituições de caridade que conseguem obter o melhor aproveitamento do dinheiro doado ou o melhor custo-benefício. Mas dizer o que isso significa não é assim tão óbvio. Para o maior website avaliador de instituições de caridade dos Estados Unidos a *Charity Navigator* o principal indicador de eficácia de uma instituição de caridade é o menor gasto possível com despesas operacionais e com altos salários dos funcionários. Mas será essa uma forma adequada de se avaliar a eficácia de uma instituição de caridade?

Para Will MacAskill e para a maior parte dos altruístas eficazes, avaliar a eficácia de uma instituição de caridade baseando-se nos gastos dessa instituição com salários dos funcionários ou outras despesas operacionais não parece ser a melhor alternativa. Existem outros critérios que precisam ser avaliados e nos oferecem mais segurança de que aquilo que uma determinada instituição de caridade tem feito com as doações recebidas é, realmente, eficaz.

3.4.1 CUSTOS OPERACIONAIS E OUTROS CRITÉRIOS

Em *Doing Good Better*, MacAskill inicia o capítulo sete sugerido que o leitor escolha entre três instituições de caridade que atuam para mitigar o sofrimento em países pobres da África, aquela à qual doaria uma soma de \$ 100. Obviamente, o leitor deve estar alinhado com a ideia de que a melhor escolha seria a instituição que demonstrasse ser a mais eficaz. A primeira delas é a *BFA Books for Africa* essa instituição, criada em 1988, distribui gratuitamente livros para escolas em países africanos em que os alunos raramente têm acesso a qualquer tipo de material didático. A segunda instituição é a *DMI Development Media International* uma instituição que busca por meio das mídias como o rádio e a TV ensinar a população pobre dos países africanos métodos simples de higiene que ajudam a evitar doenças como por exemplo, a diarreia, que podem ser fatais para crianças em países onde o sistema de saúde é extremamente precário. As campanhas da DMI são transmitidas para um grande número de pessoas e informam a população sobre métodos de prevenção e tratamento de doenças endêmicas por meio de comerciais ou novelas curtas. A outra instituição é a *Give Directly* uma instituição que opera no Quênia e em Uganda transferido dinheiro diretamente para as famílias mais pobres. As famílias são escolhidas em áreas de maior vulnerabilidade e isso é feito com o auxílio de imagens de satélite que são usadas para encontrar as casas mais precárias, e, conseqüentemente, as famílias mais necessitadas. Os chefes de famílias, geralmente mulheres, são contatados e se estiverem de acordo recebem uma quantia de \$1000 em dinheiro e podem gastá-la da forma que preferirem. Na maior parte dos casos as famílias gastam o dinheiro com a compra de alimentos e animais que ajudam a garantir o sustento da família.

Se levássemos em conta a ideia de que uma instituição de caridade faz um bom trabalho quando gasta pouco com despesas operacionais e envia a maior parte do dinheiro recebido das doações diretamente para os programas que coordena, então das três opções acima deveríamos excluir a DMI que gasta a maior parte do que recebe com despesas operacionais. Já a BFA e a Give Directly se saem muito bem nesse critério, especialmente a BFA que é muito bem avaliada pela *Charity Navigator* e gasta apenas 0,8 de tudo o que recebe com gastos operacionais. Mas será essa a métrica adequada para avaliar a eficácia de uma instituição de caridade? MacAskill, pensa que não e afirma que “nós já deveríamos ter entendido que essa abordagem usada para avaliar a eficácia de uma instituição de caridade é realmente equivocada” (MACASKILL, 2015 p. 107 trad nossa). Segundo ele, a maior parte das pessoas não leva em consideração o quanto é gasto com as despesas operacionais de um determinado produto que pretende comprar. De fato, o que nos interessa quando pretendemos comprar um determinado produto é a qualidade

do produto. Pelo mesmo motivo, segundo MacAskill, deveríamos estar preocupados com o resultado final dos programas gerenciados pelas instituições de caridade, “o que deveria realmente nos preocupar na avaliação de uma instituição de caridade é o impacto que essa instituição tem” (MACASKILL, 2015 p. 108 trad nossa). Os números e as evidências em favor dos programas gerenciados pelas instituições de caridade são critérios mais adequados de avaliação de eficácia do que a quantidade de dinheiro gasto com despesas operacionais. Antes de doar para uma instituição de caridade deveríamos nos perguntar “o que a instituição faz com esse dinheiro? Como a vida das pessoas melhora como consequência dessa doação?” (MACASKILL, 2015 p. 108 trad nossa).

Por vezes, os gastos mais elevados com despesas operacionais são necessários e refletem no sucesso dos programas desenvolvidos por essas instituições. Por exemplo, profissionais bem capacitados e CEO’s competentes custam caro, mas o resultado do trabalho desses profissionais, quase sempre, compensa o gasto elevado que as instituições têm com os seus salários.

Dado que avaliar a eficácia de uma instituição de caridade pelos gastos com despesas operacionais não parece ser um bom caminho, temos de procurar outra forma para avaliar as instituições. Baseado nos critérios aplicados pela *Give Well*, MacAskill oferece um conjunto de perguntas que se respondidas podem indicar um caminho mais promissor na escolha da melhor instituição, são elas: a) O que essa instituição faz? b) Qual o custo-benefício dos programas administrados por essa instituição? c) Qual a evidência por trás de cada programa administrado pela instituição? d) Quão bem implementado é cada programa? e) A instituição ainda precisa de fundos adicionais? Segundo MacAskil “essa estrutura nos permite avaliar genuinamente as instituições em termos de impacto, em vez de usar métricas ineficazes que se concentram, por exemplo, nos custos administrativos” (MACASKILL, 2015 p. 110 trad nossa).

a) O que essa instituição faz?

Quando pretendemos doar parte dos nossos ganhos para uma instituição de caridade, saber o que essa instituição faz pode parecer óbvio e bastante simples, mas nem sempre é assim que funciona. MacAskill cita como exemplo, instituições que têm como objetivo a pesquisa em determinadas áreas, mas gastam apenas uma pequena parte das doações recebidas em pesquisa. Segundo ele a *American Cancer Society* gasta apenas 22% das doações recebidas em pesquisas, embora, concentre seu *marketing* nas pesquisas que desenvolve para combater o câncer. MacAskill afirma que “essa não é uma razão em si para não doar para essas instituições”

(MACASKILL, 2015 p. 110 trad nossa). Embora, isso não diga muito sobre a eficácia ou ineficácia de uma instituição de caridade, isso pode fazer com que você mude de ideia ao doar o seu dinheiro e escolha uma instituição que aplique o dinheiro naquilo em que ela, realmente, diz estar aplicando.

b) Qual o custo-benefício dos programas administrados por essa instituição?

Dado que os altruístas eficazes estão preocupados com a quantidade de bem feito com o dinheiro doado, eles se preocupam não só com a eficácia dos programas administrado pelas instituições, mas também com a quantidade de dinheiro gasto para tal propósito. O custo-benefício de cada programa e em cada área deve ser avaliado para que se tenha uma ideia clara de que o dinheiro doado – investido – tenha o retorno esperado, ou seja, o maior impacto positivo possível. Como afirma MacAskill podemos ter duas instituições de caridade fazendo o mesmo trabalho de maneira eficaz, “mas se a instituição *x* pode fazer isso pela metade do preço, então uma doação para esta instituição pode impactar positivamente duas vezes mais” (MACASKILL, 2015 p. 111 trad nossa).

c) Qual a evidência por trás de cada programa administrado pela instituição?

Muitas instituições de caridade divulgam em suas campanhas publicitárias números atrativos em relação ao custo-benefício dos programas por elas desenvolvidos, entretanto, não oferecem evidência de que aquilo que estão fazendo realmente funciona. Se as estimativas do custo-benefício oferecido por uma instituição de caridade não se baseiam em evidências robustas, então é muito provável que essa estimativa seja bastante otimista e, por isso, fraca.

Mas como as instituições de caridade podem demonstrar que são realmente eficazes? MacAskill oferece um caminho possível para essas instituições:

Reivindicações de eficácia de seus programas são mais confiáveis quando embasadas em estudos acadêmicos. Se houver uma meta-análise – um estudo dos estudos – muito melhor. Mesmo assim, ainda pode haver motivo para se preocupar porque o programa que a instituição implementa pode ser sutilmente diferente dos programas estudados na meta-análise. Sabendo disso, é ainda melhor que a instituição faça a sua própria auditoria independente. (MACASKILL, 2015 p. 114 trad nossa).

Evidências que demonstram a eficácia dos programas são importantes para que possamos distinguir os programas que funcionam daqueles que não funcionam e para que possamos escolher melhor para onde enviar nossas doações.

MacAskill oferece, como exemplo, um programa que parecia eficaz, mas que de fato era ineficaz: O *Playpump*, programa criado e desenvolvido pelo sul-africano Trevor Field e que foi um sucesso mundial nos anos 90. A ideia era instalar um sistema de bombeamento de água do solo utilizando um brinquedo conhecido como gira-gira. Enquanto as crianças giravam no brinquedo, a água era bombeada para a superfície por meio desse sistema. Parecia uma ideia excelente, todos saíam ganhando. As crianças se divertiam no equipamento e a comunidade seria abastecida com água pura. Mas o que os desenvolvedores do *Playpump* não levaram em consideração era a demanda de água das comunidades onde o equipamento era instalado. A alta demanda por água fazia com que as crianças continuassem a brincar até a exaustão para retirar a água do solo. Isso, por vezes, levava as crianças a um tipo de trabalho forçado para bombear água, muitas crianças chegavam a passar mal e vomitar pelas horas que passavam girando no equipamento. Na ausência de crianças para girarem o brinquedo as mulheres da comunidade se viam em uma situação vexatória de ter que girar no brinquedo para conseguir água. Um estudo feito anos depois pela UNICEF conclui que o *Playpump* era um projeto ineficaz. Nesse caso, seria mais eficaz a utilização de sistemas de bombeamento tradicionais o que permitiria que qualquer membro da comunidade pudesse bombear a água do solo sem constrangimentos e que as crianças ficassem livres de tal obrigação exaustiva.

d) Quão bem implementado é cada programa?

A implementação do programa pela instituição de caridade é um passo importante a ser avaliado pelos doadores, isso porque, mesmo que o programa tenha um bom custo-benefício e boas evidências de que realmente funciona ele pode falhar na implementação. MacAskill oferece o seguinte exemplo:

A distribuição de mosquiteiros para combater a malária tem um bom custo-benefício se for implantado corretamente, mas se as pessoas que receberem os mosquiteiros não acreditarem que eles são necessários ou que são eficazes, eles podem ser usados para outros propósitos. (MACASKILL, 2015 p. 117 trad nossa).

Isso de fato aconteceu em algumas comunidades de países africanos onde os mosquiteiros foram distribuídos por instituições de caridade. Em vez de serem utilizados para

proteger as pessoas contra a malária, os mosquiteiros foram usados para a pesca o que causou, além da exposição das pessoas a malária, a extinção dos peixes nos lagos e rios de algumas dessas comunidades. Os mosquiteiros são preparados com uma solução de inseticidas para matar os mosquitos transmissores da malária, quando entram em contato com água esses mosquiteiros liberam essa substância tóxica e contaminam a água.

Prover informações sobre a implementação dos programas é um passo importante que deve ser adotado por todas as instituições de caridade que buscam ser eficazes. Infelizmente, isso nem sempre acontece “um problema mais comum do que saber que uma instituição de caridade implementou mal um determinado programa é não saber se ela o implementou bem” (MACASKILL, 2015 p. 117 trad nossa). Muitas instituições de caridade não fornecem qualquer informação sobre a implementação de seus programas. A divulgação de possíveis erros na implementação de um programa mostra a seriedade com a qual a instituição lida com os problemas que procura combater e mostra o interesse em corrigir possíveis erros.

e) A instituição ainda precisa de fundos adicionais?

Avaliar a capacidade da instituição de receber mais doações e reverter essas doações em ações e projetos é fundamental quando se busca as melhores oportunidades de fazer o bem. Além de oferecer evidências de que seus programas são eficazes e que possuem um excelente custo-benefício e são bem implementados, uma instituição de caridade precisa demonstrar ter capacidade de ampliar os seus programas com a mesma eficácia. Como afirma MacAskill “muitos programas eficazes são altamente financiados, precisamente por serem eficazes” (MACASKILL, 2015 p. 117 trad nossa). Mas ao doar para esses programas o doador talvez não esteja escolhendo a melhor oportunidade de fazer a diferença com a sua doação. Isso porque dada a grande quantidade de recursos recebidos, as instituições “altamente financiadas” não conseguem reverter essas doações em novos programas igualmente eficazes ou mesmo ampliar os programas correntes. No momento em que escrevo essa dissertação enfrentamos um problema que ajuda esclarecer esse raciocínio. A pandemia do novo Covid-19 que vem se alastrando por todo o mundo e cria, além de todo o sofrimento pelas vidas perdidas, uma comoção generalizada e uma vontade latente nos indivíduos de ajudar. Muitas doações são feitas diariamente para diversas áreas, por exemplo, o alívio das necessidades básicas dos mais pobres que por conta das restrições impostas não podem trabalhar, pesquisas para o desenvolvimento de tratamentos e uma possível vacina, compra de equipamentos de proteção para os profissionais da saúde etc. Mas o que acontece, frequentemente, é a escassez de

determinados produtos essenciais para a luta contra a doença. A alta demanda pela compra de produtos como, insumos hospitalares, equipamentos para o tratamento intensivo dos pacientes, equipamentos de proteção individual para os profissionais da saúde etc. tem causado a escassez desses produtos, isso causa também, obviamente, um aumento no preço desses produtos, mas mesmo com esse aumento a falta de dinheiro não tem sido o maior problema para adquiri-los, a grande quantidade de doações recebidas em dinheiro garante o aporte financeiro para a compra. Esse é um exemplo de que, por vezes, a capacidade de ação é limitada e continuar o financiamento por meio de doações nem sempre é a melhor opção para fazer o maior bem possível.

Seguindo a estrutura apresentada, MacAskill considera que temos uma ferramenta confiável para avaliar as melhores instituições de caridade, aquelas que oferecem boas razões para serem escolhidas como as mais eficazes e que figuram nos *rankings* dos avaliadores mais importantes do movimento.

Por três anos consecutivos a *Against Malaria Foundation*, uma instituição que distribui redes tratadas com inseticida para pessoas em comunidades pobres da África na luta contra a malária foi escolhida como a mais eficaz pela *Give Well*. A *Against Malaria Foundation* responde bem aos critérios apresentados até aqui, vejamos:

1) *O que a Against Malaria Foundation faz?*

Distribui mosquiteiros tratados com inseticida para pessoas em comunidades pobres da África afim de protegê-las contra o mosquito transmissor da malária.

2) *Qual o custo-benefício dos programas administrados pela Against Malaria Foundation?*

O custo estimado por cada tela de proteção distribuída e instalada pela *Against Malaria Foundation* é de \$ 3.46. O número de vidas salvas por cada tela instalada é um fator difícil de ser determinado, mas segundo cálculos da *Give Well* o número é de 0,54 mortes de crianças abaixo dos 5 anos que são evitadas por um ano de proteção oferecida pelas telas.

3) *Qual a evidência por trás de cada programa administrado pela instituição?*

Pelo uso das telas tratadas com inseticida a estimativa anual é de que 5,53 crianças abaixo dos cinco anos de idade a cada 1000 deixam de morrer por complicações ligadas a malária.

4) *Quão bem implementado é cada programa?*

A *Against Malaria Foundation* utiliza o sistema de triagens na implementação de seus programas de distribuição dos mosquiteiros. Essa abordagem na implementação dos seus programas oferece uma visão mais ampla da implementação dos programas em diferentes comunidades. A *Against Malaria Foundation* possui um grupo de pesquisadores que avaliam os dados recebidos do sistema de triagem e oferecem soluções adequadas para os problemas encontrados.

5) *A instituição ainda precisa de fundos adicionais?*

Segundo a *Give Well* a *Against Malaria Foundation* ainda tem espaço para receber e aplicar mais fundos nos próximos anos implementando assim os seus programas em outros países. Segundo estimativas da *Give Well* cerca de 150 milhões de dólares ainda são necessários para isso entre 2020 e 2022.

3.5 RESOLVER COMPRAÇÕES DIFÍCEIS

Imagine que você tenha uma quantia de R\$ 100.000 disponível para a doação. Duas instituições de caridade ao saberem de sua disponibilidade em doar tal quantia entram em contato com você e lhe oferecem as seguintes informações: com essa soma em dinheiro investido em nossa instituição que oferece cirurgias oftalmológicas para pessoas que não teriam condições de pagá-las você evitaria que 1000 pessoas ficassem cegas. Outra instituição que alimenta crianças em extrema pobreza na África diz que com essa quantia em doações alimentaria 500 crianças por um ano evitando assim que sejam malnutridas. Qual seria a melhor escolha a ser feita? Esse é só um exemplo de como as comparações entre diferentes causas podem ser difíceis. Muitas variáveis devem ser levadas em consideração quando nos dispomos a ajudar por meio de doações e por mais que as comparações sejam difíceis, ignorá-las não parece ser a melhor forma de fazer o bem. Na verdade, por mais que essas comparações sejam difíceis elas não são ignoradas pela maior parte dos governos em seus investimentos em saúde. Os economistas da saúde trabalham em métricas que embora estejam longe de alcançar qualquer consenso, oferecem uma perspectiva de solução para esses dilemas. O Governo britânico, por exemplo, utiliza o que chama de qualidade de vida ajustada por ano ou na sigla

*QALY (Quality-Adjusted Life Year)*¹⁶ Essa métrica compara os diferentes tipos de vida afetados por doenças, que em alguma medida limitam as pessoas doentes, com as vidas de pessoas saudáveis, isso dentro de um período de tempo determinado pela expectativa de vida da pessoa doente e da pessoa saudável. Singer oferece um exemplo que clarifica bem essa métrica.

Para compreender esta ideia, imagine que sofre de um problema de saúde grave e permanente, um problema que o confina à cama. Suponha que a sua expectativa de vida é de 40 anos. Um médico propõe-lhe um novo tratamento que lhe recuperará a saúde. Mas há um senão: o novo tratamento lhe reduzirá a expectativa de vida. Naturalmente, a primeira pergunta que faz ao médico é: ‘Reduzirá em quanto?’ Mas o médico tem de atender uma chamada urgente antes de responder à sua pergunta, deixando-o a ponderar que redução da expectativa de vida aceitará a fim de recuperar a saúde normal. Irá o tratamento cortar dez anos da sua vida? Sair da cama e voltar a viver normalmente durante 30 anos valerá a pena e, neste caso, aceitará. Irá reduzir 30 anos de sua vida? Não, obrigado! Depois de rever os casos e de ficar com uma ideia razoavelmente clara sobre as suas respostas, chega finalmente ao ponto de equilíbrio, em que pode realmente decidir se faz ou não o tratamento. (SINGER, 2015, p. 158)

Aceitar a redução de sua expectativa de vida em 20 anos e viver uma vida perfeitamente saudável pelos próximos 20 anos, significa dizer que você avalia a sua vida atual como algo equivalente a 0,5 por ano de uma vida satisfatória e, portanto, estaria disposto a reduzi-la em sua metade a fim de obter uma vida saudável o que equivaleria.

Muitas objeções surgem à essas métricas utilizadas para comparações difíceis, especialmente quando estão relacionadas ao uso de dinheiro público. Um dos principais argumentos contrários à utilização desse tipo de métrica é a de que essas comparações envolvem questões psicológicas difíceis de serem avaliadas e por isso não conseguem atingir a objetividade a que se propõe. Além disso, outro aspecto relevante, comumente, utilizado contra a utilização desse tipo de métrica é o acesso escasso as informações relevantes para a comparação entre uma causa e outra, por vezes, essas informações são de natureza complexa e difíceis de serem quantificadas ou colocadas dentro de uma métrica. No exemplo utilizado no início dessa seção podemos ter uma ideia da complexidade que encontramos em acessar determinadas informações: como poderíamos determinar o QALY das pessoas que seriam atingidas pela cegueira? De que forma essas pessoas avaliam suas vidas atualmente, supondo

¹⁶ QALY “Quality-Adjusted Life Year” na tradução portuguesa de O Maior Bem Que Podemos Fazer recebe a seguinte tradução “Ganho de um Ano de Qualidade de Vida Corrigida” para facilitar a compreensão decidi usar a tradução nossa “Qualidade Ajustada de Vida por Ano”.

que essas pessoas se encontram em diferentes níveis da doença que sem a cirurgia provocará a cegueira? E quanto as crianças que seriam salvas da má nutrição pela instituição que promete alimentá-las, qual seria a expectativa de vida dessas crianças? Quais as oportunidades que essas crianças encontrariam para abandonar a miséria? Em suma, qual seria o QALY dessas pessoas?

Por mais que encontrem dificuldades com essas métricas os altruístas eficazes não abandonam a tentativa de aprimorá-las. A tentativa de aperfeiçoar a escolha em situações comparavelmente difíceis oferece um ganho na avaliação de várias causas em que as dificuldades mencionadas acima não são tão evidentes. A *Give Well* por exemplo, não tem entre suas instituições de caridade recomendadas nenhuma que atue em países desenvolvidos, ou que trabalhe com a promoção da arte, ao invés de alimentar os miseráveis em países pobres. Essas escolhas parecem menos problemáticas do que aquelas que envolvem a avaliação psicológica dos envolvidos ou informações difíceis de serem obtidas, mas ainda assim levantam algumas objeções. Para os Altruístas eficazes ignorar as dificuldades na escolha das causas mais urgentes e aplicar um modelo de ajuda baseado, unicamente, em nossas preferências não é a melhor maneira de fazer o maior bem que podemos.

3.6 OBJEÇÕES COMUNS AO AE

Nesta subseção apresento algumas objeções comuns ao AE, muito embora, algumas delas careçam de uma defesa mais substancial. Em sua grande maioria são objeções feitas em artigos publicados em jornais de grande circulação e merecem a nossa atenção.

Será a escolha das instituições de caridade mais eficazes e das causas mais urgentes uma forma de negligenciar outras causas e também instituições que fazem um bom trabalho? Em um artigo publicado pela *Stanford Social Innovation Review* Ken Berger CEO e Robert M. Penna consultor da *Charity Navigator*, defendem que sim e chegam a denominar o AE de “Altruísmo Defectivo”, e além disso, consideram a proposta do movimento de aplicar a razão e as evidências no momento das escolhas altruístas uma espécie de imperialismo da ajuda.¹⁷ Para Berger e Penna, nenhuma instituição ou causa deve ser negligenciada e devem receber apoio de acordo com a vontade dos doadores. Berger e Penna acreditam que se todos os doadores seguirem as recomendações do AE teremos um desequilíbrio dentro da filantropia. Eles levantam as seguintes questões: 1) Dado que as doações seriam direcionadas para os pobres

¹⁷ https://ssir.org/articles/entry/the_elitist_philanthropy_of_so_called_effective_altruism

dos países pobres, o que seria dos pobres que vivem nos países desenvolvidos? 2) E as doações para as pesquisas na busca da cura para muitas doenças? 3) E as pesquisas de inovação e criatividade na busca por novas abordagens para ajudar as pessoas necessitadas? 4) E o que seria das pequenas instituições comunitárias de ajuda? 5) E o financiamento de outras áreas como as artes e os museus? 6) E, finalmente, o que ocorreria com o voluntariado? Dado que grande parte dos websites ligados ao AE recomenda o que descrevem como “ganhar para doar” como algo mais eficaz do que o trabalho voluntário.

Singer responderia a primeira pergunta apontando a diferença substancial entre ser pobre nos países ricos e ser pobre em países subdesenvolvidos. Segundo Singer a pobreza nos países ricos, como nos Estados Unidos, por exemplo, é relativa a afluência da maior parte de seus cidadãos, ao passo que ser pobre em países pobres é um tipo de pobreza absoluta que causa doenças que seriam facilmente evitáveis ou que nem sequer existem em países ricos, fome e morte por desnutrição, além da alta taxa de mortalidade de crianças abaixo dos cinco anos de idade. Levando em conta este panorama, doar para as instituições que lutam para aliviar a pobreza nos países pobres parece ser a melhor opção de fazer o bem.

Em relação as pesquisas que buscam a cura para doenças que prejudicam a vida ou matam muitas pessoas ao redor do mundo, os altruístas eficazes não negam a importância de tais pesquisas e o seu financiamento por meio de doações, mas eles levam em conta a quantidade de dinheiro que os governos e as instituições privadas já direcionam para essas pesquisas e como os governos e os doadores privados, por vezes, ignoram ou doam quantidades insignificantes para problemas tão urgentes quanto a fome nos países em desenvolvimento. Para se ter uma ideia 2017 o governo americano gastou cerca de 100 bilhões de dólares com o financiamento de pesquisas em novas drogas, no mesmo período gastou 34 bilhões com a ajuda humanitária aos países pobres.¹⁸

Quando se trata de pesquisas para a inovação e criatividade na busca por novas abordagens para ajudar as pessoas necessitadas, os altruístas eficazes são favoráveis a tal prática, têm como um de seus critérios para avaliação das instituições de caridade mais eficazes a quantidade de fundos investidos para a pesquisa e desenvolvimento dos programas que a instituição coordena. Portanto, essa suposição de que ao doar para as instituições indicadas pelo AE, estaríamos a preterir o investimento no desenvolvimento de novas formas de ajuda é falsa.

Com relação a quarta pergunta o AE não recomenda aos doadores a doação para pequenas instituições comunitárias, simplesmente, porque essas instituições não têm um grande

¹⁸ <https://www.wristband.com/content/which-countries-provide-receive-most-foreign-aid/>

impacto positivo por um bom custo benefício, limitam-se a ajuda pontual em questões locais e não utilizam o dinheiro recebido para a ajuda nas causas mais urgentes.

Singer diz o seguinte em relação a ajuda para museus e as artes “Num mundo que tivesse resolvido a pobreza extrema e outros grandes problemas que hoje enfrentamos, a promoção das artes seria um objetivo digno” (SINGER, 2015, p. 158). Trata-se de uma questão de prioridade, uma vez que crianças morrem por doenças relacionadas a pobreza extrema, parece ser desumano doar dinheiro para a promoção das artes, ao invés, de salvar a vida dessas crianças.

Sobre o voluntariado os altruístas eficazes não são contra a prática, entretanto, defendem que em determinadas situações podemos fazer uma quantidade de bem maior se optarmos pelo trabalho remunerado e nos comprometermos a doar parte dos nossos ganhos.

Serão os altruístas eficazes felizes com o tipo de vida que vivem, ou o sacrifício extremo ao qual se submetem pode comprometer os seus objetivos e desestimular as pessoas interessadas em ser altruístas eficazes? A escritora Larissa MacFarquhar, em seu livro: *Strangers Drowning: Grappling With Impossible Idealism, Drastic Choices and the overpowering Urge to Help*, oferece um conceito de altruísta que comumente é aplicado pelos opositores do AE esse tipo de altruísta é o que ela chama de “do-gooders” pessoas que estão dispostas a dedicar inteiramente as suas vidas a ajudar os mais necessitados, ainda que isso requeira uma aniquilação completa de suas vontades e um grau bastante elevado de imparcialidade. Isso significa que para um “do-gooder” não existe diferença entre salvar a vida de uma criança na África ou a vida do seu próprio filho. Vejamos essa definição que MacFarquhar propõe de um “do-gooder”

Essa pessoa tem um senso de dever que é muito forte - tão forte que ela é capaz de reprimir a maior parte de seus impulsos básicos para fazer o que acredita ser certo. É uma luta, mas ela geralmente vence. Ela raramente se permite uma folga do trabalho e gasta pouco dinheiro consigo mesma, então tem mais para doar. Ele tem suas alegrias e prazeres, mas eles devem se ajustar - eles devem ser administrados. Por causa disso, há uma certa rigidez e uma estreiteza focada na maneira como ela vive: sua vida faz com que a existência comum pareça flexível e desorganizada. Os padrões aos quais ela se mantém e as emoções que cultiva – cuidado para com os estranhos, um grau de distanciamento da família para cuidar desses estranhos, indiferença para com os baixos prazeres - podem parecer desumanamente elevados e podem separá-la de outras pessoas. (MACFARQUHAR, 2015, pg. 3)

Muito embora, essa descrição contemple alguns dos altruístas eficazes, a rigidez dela não é uma condição necessária para que alguém seja um altruísta eficaz. Os altruístas eficazes,

comumente, encontram prazer nos seus atos e sentido para as suas vidas ao ajudar os menos favorecidos. Deste modo, não faz muito sentido conectar a imagem de um altruísta eficaz a ideia de alguém que leva uma vida de sacrifícios e sem propósito, muito pelo, contrário, eles encontram sentido e satisfação nos seus esforços para ajudar o próximo. Além disso, como afirma, Singer:

Se quisermos encorajar as pessoas a fazerem o maior bem, não nos devemos concentrar na questão sobre se aquilo que fazem envolve sacrifício, no sentido em que as torna menos felizes. Ao invés, devemos concentrar-nos na questão sobre se aquilo que as faz felizes envolve aumentar o bem-estar dos outros. (SINGER, 2015, pg. 130)

De qualquer forma, os altruístas eficazes, em sua grande maioria são pessoas comuns que respeitam e valorizam seus projetos pessoais e gastam dinheiro para satisfazer esses desejos, o que os diferencia da maior parte das pessoas é o fato de se comprometerem a destinar parte de seus ganhos para as doações que podem ajudar a salvar vidas.

Trabalhar para instituições financeiras, por exemplo, para poder ganhar mais dinheiro e assim doar mais, pode desviá-lo de seu propósito pela má influência das pessoas com as quais você trabalha, além disso, a maneira racional e fria com qual você encara a sua profissão pode torná-lo uma pessoa menos afetiva com quem está próximo de você, dado que sua única preocupação é causar o maior bem possível e isso quase sempre envolve a ajuda aos necessitados que estão em países distantes.

Essas duas objeções foram levantadas por David Brooks em um artigo publicado pelo The New York Times em 2013.¹⁹ Além dessas duas críticas, Brooks oferece uma terceira em relação a pessoa que escolhe ganhar para doar. Para ele essa pessoa tornar-se um meio para a redistribuição da riqueza e suas ações não são valorizadas por si mesmas. As objeções de Brooks, excetuando-se a terceira sobre o utilitarismo, são objeções psicológicas e têm a ver com uma suposição de que as pessoas se comportariam de uma determinada maneira se expostas a determinadas situações contrárias aos seus interesses. Obviamente, essas suposições são difíceis de serem provadas e seria necessário um estudo empírico comportamental para que fossem consideradas razoáveis, o que Brooks não faz. Singer em resposta a primeira objeção de Brooks apresenta o caso de Matt Wage, jovem que escolheu fazer a sua carreira no setor financeiro para poder ganhar mais e conseqüentemente doar mais. Segundo, Singer, Matt, preocupado com a influência que receberia dos colegas de trabalho, resolveu tornar público o

¹⁹ <https://www.nytimes.com/2013/06/04/opinion/brooks-the-way-to-produce-a-person.html>

seu compromisso de doar grande parte dos seus ganhos para instituições de caridade, como uma forma de não se desviar do seu objetivo. Singer conclui dizendo que “Em termos gerais, Matt não mostrou sinais de sentir alguma pressão psicológica invulgar causada pela sua opção de ganhar para dar” (SINGER, 2015, pg. 67) Em relação a objeção de Brooks que fala sobre um tipo de amor universal ou empatia pela humanidade e falta dela em relação aqueles que estão próximos de nós; Singer defende que a imparcialidade respeita algum limite, e dificilmente, colocaríamos os interesses de estranhos à frente dos interesses de nossos próprios filhos, por exemplo. Ele afirma que:

Nenhum princípio de dever será amplamente aceito, a menos que reconheça que os pais devem e irão sempre amar os próprios filhos mais do que os filhos de desconhecidos e, por esse motivo, satisfarão as necessidades básicas de seus filhos antes de satisfazer as necessidades de desconhecidos. Mas isso não significa que os pais estejam certos em dar luxos para seus filhos, antes de atender às necessidades básicas dos outros. (SINGER, 2009, pg. 128)

Isso de fato, não acontece com a maior parte dos altruístas eficazes. Singer oferece alguns exemplos de altruístas eficazes que dedicam suas vidas a filantropia, mas que não abandonam outros projetos pessoais, entre eles algumas vezes constituir uma família e ter filhos.

Doar dinheiro para as instituições de caridade mais eficazes é uma forma paliativa de tratar o problema da miséria, entretanto, não resolve o problema de maneira definitiva. Se os altruístas eficazes estão realmente interessados em causar o maior impacto positivo possível, deveriam lutar por reformas políticas duradouras que tratassem o problema diretamente.

Dambisa Moyo, economista zambiana, é uma das principais defensoras da mudança radical na abordagem ao problema da miséria na África subsaariana. Moyo defende que os anos de ajuda financeira por meio de doações aos países pobres africanos contribuíram mais para a manutenção desses países na pobreza do que o seu oposto. Uma alternativa eficaz para o problema segundo, Moyo, seria uma mudança estrutural e econômica desses países, além do combate a corrupção. Portanto, se estivermos interessados em resolver de vez o problema da pobreza nos países africanos, deveríamos militar em favor de mudanças estruturais. Mas por qual motivo os altruístas eficazes não recomendam como mais eficazes as instituições que trabalham juntamente com os governos por mudanças políticas, econômicas e estruturais? Singer argumenta que uma mudança política e estrutural parece difícil de ser alcançada em um curto prazo, e se assim o for “é necessário buscar uma estratégia com melhores perspectivas de

ajudar realmente alguns pobres” (SINGER, 2009, pg. 34) Assim como Singer, os altruístas eficazes tendem a acreditar que atitudes como a doação para instituições de caridade que trabalham diretamente salvando vidas, é a coisa certa a se fazer se quisermos reduzir a miséria, mas certamente apoiariam mudanças radicais no sistema político e econômico que resolveriam os problemas centrais dos países mais pobres. O problema dessas mudanças é a imprevisibilidade dos resultados e da realização de tais mudanças. Essa perspectiva adotada pelos altruístas eficazes exibe, em certa medida, uma descrença em uma mudança estrutural. Por outro lado, é uma perspectiva que adota a realidade de como as coisas são agora e oferece as pessoas que vivem em situação de miséria a oportunidade de sobreviver e lutar por tais mudanças.

Essas objeções dizem respeito a aspectos práticos do movimento. No próximo capítulo a discussão será centrada em algumas questões filosóficas e seus desdobramentos para o AE. Tentarei responder essas duas perguntas centrais: Qual o papel da racionalidade e da empatia em nossas ações altruístas? Poderá a fria racionalidade do AE desestimular o altruísmo, ao invés, de estimulá-lo?

4. RACIONALIDADE VS EMPATIA

O AE desafia às nossas intuições e as nossas respostas naturais em relação à ajuda humanitária. Como vimos no capítulo anterior o movimento traz alternativas a maneira antiga de se fazer filantropia. O objetivo dos altruístas eficazes é fazer do mundo um lugar melhor para todos, um lugar com menos desigualdades e mais oportunidades para o pleno desenvolvimento de todos. Como afirma, Singer:

Estão suficientemente preocupados com o bem-estar dos outros para fazerem mudanças significativas nas suas próprias vidas. Os altruístas eficazes doam para instituições de beneficência que, em vez de fazerem um apelo emotivo a potenciais doadores, podem demonstrar que usarão os donativos para salvar vidas e reduzir o sofrimento de forma muito eficaz em termos de custos. Para poderem fazer maior bem, os altruístas eficazes limitam os seus gastos ou seguem uma carreira profissional diferente afim de terem mais para dar ou de serem mais úteis de outra forma. (SINGER, 2015, p. 99).

Mas qual será a motivação por trás desse objetivo? O que leva os altruístas eficazes a dedicarem grande parte de suas vidas aos menos favorecidos? Para Singer, certamente, não se trata de uma conformidade com as normas sociais. Os altruístas eficazes, como vimos anteriormente, vão bastante além da maior parte das pessoas quando se dedicam a filantropia. (SINGER, 2015, p. 99). Talvez a motivação esteja relacionada com a ideia por trás do mandamento bíblico que nos convoca a amar o próximo como Jesus nos amou.

Será o amor aquilo que motiva os altruístas eficazes? Um tipo de amor que é espalhado indiscriminadamente e nos motiva a ajudar os outros independente das relações que temos com eles. Ou talvez eles sejam motivados por uma relação mútua de ajuda onde todos possam sair ganhando. Isso parece fazer sentido dentro de pequenos grupos ou comunidades em que observamos relações de ajuda baseadas em um sentimento de amor ao próximo, mas como explicar o auxílio dado a pessoas com as quais não temos nenhuma relação ou que não fazem parte do nosso grupo?

A maneira como evoluímos e o fortalecimento da ajuda mútua dentro dos pequenos grupos é a fórmula usada para a sobrevivência desses grupos e o seu fortalecimento frente aos grupos inimigos. Não faria sentido fortalecer por meio de qualquer tipo de ajuda grupos distintos que poderiam se tornar inimigos. Desta forma, não parece existir qualquer motivação baseada nos sentimentos, de amor e proteção, desenvolvidos dentro de pequenos grupos ao longo do

processo evolutivo que explique o altruísmo imparcial praticado pelos altruístas eficazes. Como afirma, o psicólogo, Paul Bloom:²⁰

A nossa melhor esperança para o futuro não consiste em levar as pessoas em pensar em toda a humanidade como família – isto é impossível. Reside, ao invés, na admissão do fato de que, mesmo que não tenhamos empatia por estranhos distantes, as suas vidas tem o mesmo valor das vidas daqueles que amamos (Bloom, 2013)

O altruísmo praticado pelos altruístas eficazes deve ser motivado por algo que dê suporte a uma obrigação moral de ajudar que seja mais abrangente, ou como defende o filósofo Kwame Anthony Appiah um julgamento moral baseado na imparcialidade o que ele chama de julgamento moral cosmopolita.

O julgamento moral cosmopolita requer que nós sintamos sobre todas as pessoas do mundo aquilo que nós sentimos pelos nossos vizinhos próximos (um sentimento forte e às vezes tão exagerado que sugere que por eles deveríamos arriscar as nossas próprias vidas).” (APPIAH, 2006, p. 157 trad. nossa)

O conceito de um julgamento moral cosmopolita desenvolvido por Appiah está de acordo com os ideais defendidos pelos altruístas eficazes. Appiah acredita, assim como Singer, que exigir das pessoas que elas tenham o mesmo nível de preocupação para com pessoas estranhas que têm com as pessoas próximas ou parentes está muito além do que pode ser exigido. Ele defende que para funcionar bem o julgamento moral cosmopolita não precisa de um nível de exigência tão alto.

Para os altruístas eficazes a imparcialidade é um critério fundamental dentro do movimento, questões como a afetividade, relações étnicas, religiosas ou de nacionalidade não podem servir de base para o direcionamento da ajuda. Seguindo a mesma linha o filósofo James Rachels defende que a imparcialidade deve ser um critério básico consensual entre todas as teorias éticas, ele afirma que:

Quase toda teoria importante da moralidade inclui a ideia de imparcialidade. A ideia básica é que os interesses de cada indivíduo são igualmente importantes; do ponto de vista moral, não há pessoas privilegiadas. Portanto, cada um de nós deve reconhecer que o bem-estar dos outros é tão importante quanto o nosso. Ao mesmo tempo, a exigência por imparcialidade exclui a possibilidade de qualquer tipo de tratamento dos membros de um

²⁰ <https://www.newyorker.com/magazine/2013/05/20/the-baby-in-the-well>

determinado grupo de uma forma moralmente inferior, como os negros, os judeus e outros algumas vezes são tratados. (RACHELS, 2006, p. 14).

A relação mútua de ajuda ou a proximidade com quem nos relacionamos ou qualquer outra ligação que nos conecte com essas pessoas não fornecem uma base plausível para explicar a motivação dos altruístas eficazes. A imparcialidade de suas ações é bastante clara quando avaliamos as diretrizes do movimento. Talvez a Empatia seja o aquilo que motiva as ações dos membros do AE, embora, os altruístas eficazes não deem conta dessa verdade, um sentimento de preocupação com os outros e a maneira com eles percebem o sofrimento alheio os motiva a agir de forma determinada com o propósito de eliminar tal sofrimento.

4.1 O QUE É A EMPATIA?

O dicionário de língua inglesa de Cambridge define empatia como: a habilidade de imaginar como as outras pessoas se sentem. O dicionário de Oxford define empatia de maneira similar: a habilidade de compreender os sentimentos das outras pessoas, experiências, etc. Já o dicionário Priberam de língua portuguesa define empatia como: forma de identificação intelectual ou afetiva de um sujeito com uma pessoa, uma ideia ou uma coisa. O professor de psicologia da Universidade do Texas, Mark H. Davis, em um artigo publicado em 1983, afirma que “Empatia é em um sentido abrangente a reação de um indivíduo ao observar as experiências do outro”²¹

Altamente recomendada por aqueles que se preocupam com a construção de um mundo melhor a empatia parece ser a base de qualquer movimento na direção do altruísmo, mas para os altruístas eficazes a empatia tem um limite que não é ultrapassado na maior parte das vezes, ou quando o é não coordena as ações de modo eficaz, fazendo com que haja um desperdício de tempo e dinheiro dentro da filantropia.

Talvez a maneira como os altruístas eficazes encaram a empatia seja só um erro de interpretação. Davis (1980) desenvolveu um método de distinção dos possíveis tipos de empatia o que ele chamou de Interpersonal Reactivity Index ou o Índice de Relação Interpessoal no qual Mark H. Davis se baseou para defender a sua teoria de empatia multidimensional. De acordo com esse índice existem quatro tipos de empatia duas que exibem respostas mais racionais dos indivíduos e duas que exibem respostas emocionais, são elas:

²¹ O artigo é intitulado *Measuring Individual Differences in Empathy: Evidence for a Multidimensional Approach* e foi publicado no *Journal of Personality and Social Psychology*.

- 1- *Preocupação Empática*: é a que está mais próxima das definições de dicionário, é a nossa capacidade de experienciar sentimentos de compaixão e afeto pelas outras pessoas.
- 2- *Angústia*: é quando nos sentimos mal, desconfortáveis com aquilo que acontece com os outros.
- 3- *Perspectiva empática*: é o esforço para compreender aquilo que afeta as outras pessoas.
- 4- *Fantasia*: é quando nos imaginamos e experienciamos sentimentos em situações fictícias.

Singer adota essa distinção entre os diferentes tipos de empatia para avaliar se os altruístas eficazes são motivados por algum tipo de empatia. Os dois primeiros tipos de empatia são aspectos da empatia emocional e não estão ligados ao modo como os altruístas eficazes tomam as suas decisões, isso não significa dizer que não experimentam este tipo de empatia.

Em 2009, MacAskill, visitou um hospital na Etiópia responsável pelo tratamento de uma doença conhecida como fístula obstétrica, uma doença causada pela obstetria mal realizada em mulheres jovens e desnutridas. A doença causa incontinência fecal e urinária permanente, e as mulheres que sofrem com esta doença, são na maior parte dos casos, abandonadas pelos seus maridos por causa das consequências da condição de incontinência e condenadas a uma vida degradante. MacAskill se sentiu profundamente consternado com a situação degradante das mulheres na Etiópia, é possível que tenha experienciado uma angústia e uma preocupação empática observando a situação, mas alguns anos depois, apesar de ter conhecido o sofrimento dessas mulheres de perto, decidiu que suas doações seriam melhores empregadas em outros programas mais urgentes, e não nos programas que ajudavam as mulheres com fístula obstétrica. Mesmo sabendo que as instituições, como a Fistula Foundation, realizam cirurgias a um baixo custo e permite que essas mulheres voltem a ter uma vida digna. MacAskill, foi imparcial na sua escolha por saber que haviam causas em que poderia ter maior impacto pelo melhor custo-benefício. Com relação a empatia emocional Singer afirma o seguinte:

Na maioria das situações a empatia emocional é uma coisa boa, mas está geralmente no seu máximo quando nos podemos identificar com um indivíduo. As pessoas ficam mais dispostas a dar para ajudarem crianças com fome se lhes mostrarem uma fotografia de uma das crianças e lhes disserem o nome e a idade. Dizer às pessoas que existem milhares de crianças com necessidade não produz tantas respostas positivas. (SINGER, 2015, p. 102)

Talvez os altruístas eficazes sejam movidos pela empatia cognitiva, isto significa que, entendem e se colocam no lugar do outro. Estão preocupados em ajudar o maior número possível de pessoas levando sempre em conta o custo-benefício. Uma pessoa movida pela empatia emocional sente compaixão e tende a ajudar, mas não avaliam muito bem se aquilo que estão a fazer é de fato a melhor coisa que podem fazer para resolver o problema. As pessoas movidas pela empatia emocional, geralmente, não tomam boas decisões quando pretendem ajudar, isto porque, quase sempre são movidas por impulso, um sentimento de que devem agir imediatamente o que quase sempre não deixa espaço para uma decisão refletida a respeito daquilo que devem de fato fazer. Os altruístas eficazes são movidos pelos números e pelas evidências de que aquilo que fazem é, realmente, o melhor que podem fazer. A nossa resposta emocional é incapaz de avaliar aquilo que precisa ser feito para diminuir o sofrimento alheio, observamos e nos afetamos pela desgraça de uma pessoa, mas não produzimos uma resposta proporcional se essa desgraça atingir 10 pessoas. Provavelmente, a nossa reação e quantidade de ajuda que estaremos dispostos a oferecer serão as mesmas. Singer afirma:

As pessoas ficam mais dispostas a dar para ajudarem crianças com fome se lhes mostrarem uma fotografia de uma das crianças e lhes disserem o nome e idade. Dizer as pessoas que existem milhares de crianças com necessidade não produz tantas respostas positivas (SINGER, 2015, p. 102)

A empatia emocional conduz a um resultado oposto daquele que os altruístas eficazes buscam, Os altruístas eficazes estão preocupados em maximizar os resultados dos seus esforços na luta contra a pobreza extrema. Desta forma, embora não sejam necessariamente utilitaristas, os altruístas eficazes compartilham com os utilitaristas a ideia de que devemos tomar decisões que maximizem a quantidade de bem que podemos fazer.

Parece que a empatia por si só não é aquilo que motiva os altruístas eficazes. Para aqueles que tomam conhecimento do movimento parece evidente que se trata de um grupo de pessoas com um alto grau de empatia pelos menos favorecidos, os altruístas eficazes são de fato, pessoas bastante empáticas, mas não é isso que as distingue daqueles que não são altruístas.

Parece haver entre os altruístas eficazes uma ideia comum de que todas as pessoas, independentemente de estarem próximas a nós ou de serem identificáveis de alguma forma merecem igual consideração. Paul Bloom sugere que aquilo que faz com que os altruístas

eficazes se importem com pessoas estranhas em situação de necessidade é a razão e não a empatia (BLOOM, 2015). Na mesma linha, Rachels, defende que para a formulação de uma teoria ética devemos dar prioridade à racionalidade. Ele acredita que os nossos sentimentos em questões morais “são geralmente um sinal de seriedade moral e, assim, devem ser admirados.

Mas eles podem funcionar também como uma barreira para descobrir a verdade” (RACHELS, 2006, p. 12). Se os nossos sentimentos são bastante fortes em relação a uma determinada situação, assumimos uma posição como verdadeira sem considerarmos as razões em favor da posição contrária àquela que assumimos. Nossos sentimentos, afirma Rachels “podem ser irracionais: eles podem ser nada mais do que produtos do preconceito, do egoísmo ou da condição cultural” (RACHELS, 2006. P. 12). Essa concepção de moralidade é a mesma defendida pelos altruístas eficazes. Para eles, nossos julgamentos morais e nossas decisões práticas devem ser sempre baseadas em evidências e bons argumentos, ou seja, baseadas na racionalidade.

Paul Bloom defende que “para qualquer capacidade humana nós podemos acessar os seus prós e contras” (BLOOM, 2016, p. 16 Trad. nossa) portanto, devemos dar o mesmo tratamento a empatia e avaliar as suas desvantagens, dado que suas vantagens para o senso comum parecem ser bastante óbvias. Para avaliarmos a empatia precisamos de uma boa definição e Bloom nos oferece a seguinte definição: “empatia é o ato de experienciar o mundo da forma como você pensa que outra pessoa faz” (BLOOM, 2016, p. 17 Trad. nossa).

O conceito de empatia criticado por Bloom é similar ao conceito de “simpatia” que era utilizado pelos filósofos do iluminismo escocês como Adam Smith, por exemplo. Para eles, a simpatia ou empatia é a capacidade de pensar em outra pessoa e nos colocar em seu lugar e, além disso, compartilhar, em certa medida, aquilo que essa pessoa sente e formar uma ideia precisa daquilo que esta pessoa sente. A este tipo de empatia chamamos empatia emocional que é diferente da empatia cognitiva. A empatia cognitiva é a capacidade de compreender a dor ou sofrimento do outro sem necessariamente sentir ou se compadecer pela sua dor.

A empatia parece ser nos dias de hoje o antídoto preferido para todos os problemas do mundo, quando algo de ruim acontece a falta de empatia é sempre escolhida como a causa principal. Bloom reescreve o argumento dos defensores da empatia da seguinte forma:

Todo mundo está naturalmente interessado em si mesmo; nós nos preocupamos mais com o nosso próprio prazer e dor. Não requer nada de especial puxar a mão de alguém de uma chama ou alcançar um copo de água quando este alguém estiver com sede. Mas a empatia torna as experiências dos outros salientes e importantes - sua dor torna-

se minha dor, sua sede torna-se a minha sede, e assim eu te resgato do fogo ou lhe dou algo para beber. A empatia nos guia a tratar os outros como tratamos a nós mesmos e, portanto, expande nossas preocupações egoístas para abranger outros pessoas. (BLOOM, 2016, p. 20 Trad. nossa)

Desta forma, a empatia parece ser aquilo que nos torna boas pessoas e nos faz agir da melhor maneira possível. Sem empatia parece não haver motivação suficiente para que sejamos altruístas. Mas existem situações em que a empatia parece não ser necessária para ajudarmos outra pessoa “e mesmo os fãs da empatia devem admitir que existem outras razões para uma boa ação” (BLOOM, 2016, p. 21 Trad. nossa). Tome como exemplo o experimento mental utilizado por Singer no seu argumento em favor da obrigatoriedade moral da ajuda. Quando passamos por um lago e vemos uma criança se afogando, a qual podemos facilmente salvar, sem grandes sacrifícios, não parece que seja a empatia ou a compreensão do sofrimento da criança que está se afogando que me leva a agir e a salvá-la. Com relação a motivação da nossa boa ação em salvar a criança, Bloom afirma:

O que motiva esse bom ato? É possível, suponho, que você possa imagine a sensação de estar se afogando, ou antecipe o sentimento da mãe ou o pai da criança sabendo que ela se afogou. Tal sentimento empático pode motivá-lo a agir. Mas isso dificilmente é necessário. Você não precisa de empatia para perceber que é errado deixar uma criança se afogar. Qualquer pessoa normal entraria e pegaria a criança, sem se preocupar com nenhum tipo de sentimento empático. (BLOOM, 2016, p. 21 Trad. nossa).

Na verdade, uma grande parte de nossos juízos morais não são resultados de qualquer forma de empatia. Muitas das vezes nossas ações são independentes de qualquer tipo de relação empática, isso porque muitas dessas ações não envolvem outras pessoas e não afetam ninguém diretamente. O altruístas eficazes, por exemplo, vêem outros problemas como potenciais alvos de ajuda: mudanças climáticas, o risco de guerras nucleares, o aumento de ameaças terroristas e guerras biológicas etc. pensar nesses problemas e tentar reduzir a possibilidade de dano que eles podem causar, não está conectado a nenhum tipo de empatia que possa ser direcionada a um indivíduo particular “mas, ao invés disso, está enraizado numa preocupação mais geral sobre as vidas humanas e seu desenvolvimento.” (BLOOM, 2016, p. 21 Trad. nossa). Nossas boas ações são independentes da empatia que sentimos pelos outros, “nós somos seres complexos, e por isso, existem várias rotas para os nossos julgamentos morais e nossas ações.” (BLOOM, 2016, p. 24 Trad. nossa).

Um defensor moderado da empatia como base da nossa moralidade poderia aceitar que a moralidade não tem como base somente a empatia e que outras coisas contam para tomarmos as nossas decisões morais, por exemplo, a fé religiosa ou a racionalidade, mas ainda assim defenderia a empatia como parte fundamental nas nossas decisões morais. Bloom testa a empatia por meio de suas consequências, ele afirma que:

Uma maneira de testar a empatia é olhar para as suas consequências. Se a empatia torna o mundo um lugar melhor, então seus defensores estão justificados. Mas se o exercício de empatia torna o mundo pior e traz mais sofrimento e menos prosperidade, mais dor e menos felicidade, esse seria um bom motivo para buscar alternativas. (BLOOM, 2016, p. 24 Trad. nossa)

Bloom, portanto, pretende avaliar o papel desempenhado pela empatia dentro da moralidade baseando-se somente nas consequências dos atos. Este raciocínio utilitarista é também defendido por Singer. Essa não é uma visão amplamente aceita e levanta uma série de objeções, portanto, avaliar a empatia com base nas consequências é bastante controverso, mas Bloom segue a sua empreitada e procura demonstrar que o utilitarismo não está separado completamente de um tipo de ética deontológica e, portanto, serve, perfeitamente, ao propósito de avaliar a empatia:

Primeiramente, a distância entre o consequencialismo e uma ética deontológica não é tão grande quanto parece a primeira vista. Muitos dos princípios morais abstratos não-consequencialistas podem ser defendidos em termos consequencialistas; eles podem ser vistos como regras úteis que trariam melhores resultados se as aplicássemos de maneira absoluta, mesmo que às vezes fizessem as coisas se tornarem piores (BLOOM, 2016, p. 27 Trad. nossa)

De qualquer forma, observar as consequências da aplicação da empatia em nossas decisões morais é extremamente relevante para nossas decisões quando queremos fazer do mundo um lugar melhor. Os altruístas eficazes estão bastante interessados nesse tipo de avaliação e dispostos a alterar o meio pelo qual agem se ficar comprovado que por meio dessa mudança podem alcançar melhores resultados.

Uma das consequências negativas da empatia como base das nossas ações morais têm a ver com a restrição do seu alcance. Certamente, a empatia é uma boa coisa quando podemos identificar a pessoa com quem estabelecemos uma relação empática, por exemplo, quando

observamos uma criança em situação de miséria próxima a nós, imediatamente, sentimos o apelo causado pela empatia e oferecemos ajuda. Por outro lado, quando não temos nenhum tipo de contato com a uma criança passando fome em um país distante, não conseguimos alcançar o mesmo nível de empatia que nos move como no primeiro caso e não ajudamos. A empatia “se sai mal em um mundo onde há muitas pessoas necessitadas e onde os efeitos de nossas ações são difusos, muitas vezes atrasados e difíceis de calcular.” (BLOOM, 2016, p. 27 Trad. nossa). A empatia falha, justamente, pelo alcance limitado que tem. “Podemos ter empatia cognitiva por milhares de crianças, mas é muito difícil sentir empatia emocional por tantas pessoas que nem sequer conseguimos identificar como indivíduos.” (SINGER, 2015, p. 102).

A empatia cognitiva é uma ferramenta útil para a construção dos nossos julgamentos morais e, conseqüentemente, das nossas ações. Entretanto, não pode ser considerada uma coisa boa por si só. A empatia cognitiva nos fornece uma boa ideia de como um indivíduo ou até um grupo de indivíduos se sentem em uma determinada situação, mas disso não se segue que a empatia cognitiva seja moralmente determinante para as nossas boas ações. “A empatia cognitiva é uma ferramenta útil, então – necessária para quem pretende ser uma boa pessoa – mas é moralmente neutra. (BLOOM, 2016, p. 32 Trad. nossa) Isto porque, uma pessoa pode, por meio da empatia cognitiva, compreender como um indivíduo se sente e se compadecer de sua dor ou não, pode até mesmo usar a sua dor como uma arma para atacá-lo, isso acontece com a prática do bullying, por exemplo.

A empatia falha, portanto, naquilo em que seus defensores acreditam. No aspecto emocional a empatia não é capaz de estender o seu alcance além de alguns poucos indivíduos, no aspecto cognitivo, ela é amoral, não leva em conta preceitos morais. Bloom conclui a sua avaliação da aplicabilidade da empatia como guia para as nossas ações morais da sugerindo que a razão e análise de custo-benefício são caminhos mais promissores para basearmos as nossas ações do que a empatia.

Eu acredito que a capacidade para a empatia emocional, descrita como “simpatia” por filósofos como Adam Smith e Hume, frequentemente referida como “empatia” e defendida por muitos acadêmicos, teólogos, educadores e políticos, é, na verdade, mais corrosiva. Se você está em dificuldades com uma decisão moral e percebe-se tentando sentir a dor ou prazer de alguém, você deveria parar. Este engajamento empático pode te dar alguma satisfação, mas não é assim que as coisas vão melhorar e isso pode levá-lo a decisões ruins e péssimos resultados. É melhor usar a razão e a análise de custo-benefício” (BLOOM, 2016, p. 32 Trad. nossa)

Utilizar a razão e o custo-benefício para tomarmos as nossas decisões serve de motivação para os altruístas eficazes. Este tipo de abordagem comum aos altruístas eficazes explica porque eles “reconhecem que a vida de estranhos distantes têm o mesmo valor do que as vidas daqueles que amamos e, por isso, são sensíveis ao número de pessoas que podem ajudar” (SINGER, 2015, p 105)

Bloom acredita que, embora, nós sejamos influenciados pela empatia em nossas decisões, nós não somos inteiramente dependentes dela para tomá-las. Se fôssemos, provavelmente, cometeríamos mais erros do que acertos em nossos julgamentos morais, isto porque, não teríamos uma visão clara e distinta de que aquilo que estamos fazendo é de fato a melhor coisa que podemos fazer. Tomar boas decisões se torna possível na medida em que consideramos cuidadosamente as nossas ações e estamos livres de preconceitos ou preferências injustificáveis.

Desta forma, poderíamos reescrever o argumento de Bloom contra a empatia da seguinte forma:

Premissa 1: Se quisermos diminuir o número de erros em nossas decisões sobre a moralidade, então devemos usar a racionalidade e o custo-benefício como ferramentas e não a empatia.

Premissa 2: Diminuir o número de erros em nossas decisões morais é uma boa ideia.

Conclusão: Logo, devemos usar a racionalidade e o custo-benefício como ferramentas e não a empatia.

Michael Slote, defensor da empatia como um guia confiável para as nossos julgamentos morais, defende que a empatia não se resume, como pensa Bloom, a situações onde existe algum tipo de ligação entre quem sente empatia e quem a recebe. Ele defende que a empatia serve como uma base para os nossos sentimentos morais e, por isso, não deve estar restrita as relações de proximidade ou de identidade. Ele pensa que “a empatia é uma fonte crucial que sustenta o altruísmo e a preocupação com o bem estar dos outros” (SLOTE, 2010, p. 20 Trad. nossa). Isso parece ser bastante contra intuitivo dada a definição de empatia que temos até agora e, especialmente, a ideia que formamos sobre o seu mecanismo de funcionamento. Mas Slote, apoiado por alguns estudos psicológicos, especialmente, os de Martin Hoffman, ele defende uma espécie de processo de amadurecimento pelo qual passamos em que somos, ou pelo menos deveríamos, ser tutelados pelos nossos pais e abastecidos com uma série de informações que nos possibilitam ter empatia, não só por aqueles que estão próximos de nós ou com os quais

nos identificamos, mas também com aqueles que estão distante e que pertencem a grupos diferentes.²²

Uma criança muito jovem (ou mesmo um bebê recém-nascido) pode sentir angústia e começar a chorar de angústia ao ouvir o choro de outra criança, e isso funciona por meio de um tipo de mimetismo e parece uma forma de "contágio". Mas conforme a criança desenvolve habilidades conceituais/linguísticas, uma história mais rica de experiências pessoais e um sentido mais pleno da realidade dos outros, uma forma mais "mediada" de empatia pode ser involuntariamente despertada em resposta a situações ou experiências que não são imediatamente presentes e são meramente conhecidas, lembradas ou lidas. Isso também faz com que a criança adote deliberadamente o ponto de vista de outras pessoas e veja e sinta as coisas de sua perspectiva. (SLOTE, 2010, p. 17 Trad. Nossa)

Com o desenvolvimento cognitivo e uma quantidade maior de experiências, a capacidade de empatia tende a aumentar e se desenvolver até um ponto em que consiga abranger um grupo maior de pessoas. “Em geral, quando nos tornamos mais preocupados com o futuro, resultados hipotéticos das nossas ações e eventos no mundo, nós aprendemos a ter empatia não só com o que as pessoas sentem agora, mas com aquilo que elas sentirão” (SLOTE, 2010, p 17). A ideia de empatia descrita por Slote é bastante similar ao que chamamos de empatia cognitiva, mas de um tipo mais forte do que a que vimos até agora. Ela não é moralmente neutra como defende, Bloom, pelo contrário, é a base de toda moralidade. Slote acredita que, por meio da empatia, nós adquirimos uma compreensão maior de como as coisas são e de como elas devem ser. O processo de aquisição dessa ferramenta importante para as relações humanas acontece de maneira gradativa, um processo de evolução e aprendizado que alcança o seu ápice com a idade adulta e a maturidade.

Além disso, à medida que as crianças se tornam adolescentes, eles se tornam cientes da existência de grupos ou classes de pessoas e de objetivos ou interesses comuns que podem uni-los, e isso cria empatia com, digamos, a situação dos sem-teto, dos oprimidos ou outras raças, nações e etnias. Isso torna-se uma possibilidade real para adolescentes de uma maneira que não teria sido possível no início de suas vidas. (SLOTE, 2010, p. 18 Trad. nossa)

A empatia do tipo cognitiva, que nos permite sentir empatia por um número maior de pessoas e por grupos diferentes de pessoas, parece resolver o problema da dualidade entre

²² Especialmente no livro “Empathy and Moral development” de Martin Hoffman.

empatia e razão. A distinção entre empatia e razão na tomada de decisões parece perder o sentido e agora podemos nos servir muito bem das duas coisas como se fossem guias confiáveis para as melhores decisões. Mas de fato, não é isso o que pensam os altruístas eficazes, para eles somente a razão pode ser considerada como um guia confiável para as nossas ações. Bloom, defende que não se trata apenas da amplitude da empatia, ou seja, de aumentarmos a quantidade de indivíduos pelos quais sentimos empatia, mas sim evitar os erros nos nossos julgamentos morais. Vivemos em um mundo complexo e precisamos estar preparados para tomar decisões difíceis e, portanto, precisamos de uma análise refletida sobre essas decisões. Somos bombardeados por apelos emocionais que tentam evitar que tenhamos um raciocínio cuidadoso a respeito das nossas decisões, especialmente, se essa decisão envolve a doação para a caridade.

Para Bloom, a empatia é responsável por erros quando tomamos decisões importantes. Bloom cita um experimento conduzido por C. Daniel Batson que ilustra bem a maneira como a empatia é um guia pouco confiável nas nossas decisões.²³ Batson defende a hipótese do altruísmo baseado na empatia, mas sem considerar a empatia como sendo algo que conduz a bons resultados sempre. Para testar a sua hipótese ele utilizou dois grupos de indivíduos que deveria reagir a mesma história. Uma garota com câncer em estado terminal na fila para um tratamento oferecido por uma instituição de caridade chamada Quality Life Foundation. Ambos os grupos assistiram a uma entrevista da garota em que ela relatava a sua condição de saúde e o estado de sofrimento constante em que se encontrava, e como seria bom conseguir o tratamento. Aos membros do primeiro grupo, chamado de grupo com menos empatia, Batson sugeriu o seguinte: Enquanto você assiste a entrevista, tente adotar uma perspectiva objetiva em relação ao que é descrito. Tente não ser levado pelo que a garota sente; apenas mantenha-se objetivo e imparcial. Para o segundo, chamado de grupo com mais empatia, Batson sugeriu o seguinte: Tente imaginar como a menina entrevistada se sente sobre o que está acontecendo e como isso afeta a vida dessa criança. Tente sentir todo o sofrimento que essa criança tem passado e como ela se sente com isso.

Depois de assistirem a entrevista, foi dada aos indivíduos dos dois grupos a oportunidade de preencherem um requerimento que seria direcionado à Quality Life Foundation solicitando que a garota fosse para frente da fila de espera por um tratamento da instituição.

Todos os participantes tinham consciência de que se o seu pedido fosse aceito, então outra criança que estaria à frente na fila e teria prioridade para o tratamento, teria de esperar

²³ Ver C. Daniel Batson, *Altruism in Humans* (New York: Oxford University Press, 2011)

mais por conta da mudança. Três quartos dos indivíduos altamente empáticos do primeiro grupo decidiram preencher o requerimento para que a garota avançasse na fila e apenas um quarto dos indivíduos menos empáticos do segundo preencheram o requerimento. Este tipo resultado ilustra bem o que os defensores da empatia consideram como as vantagens de aplicá-la, ou seja, o modo “como ela faz o sofrimento dos outros mais visível, faz os seus problemas se tornarem mais reais, notáveis e concretos.” (BLOOM, 2010, p. 67 Trad. nossa). Por outro lado, o resultado obtido no estudo ilustra uma falha no mecanismo da empatia como guia para as nossas decisões, ele mostra como uma pessoas com alto grau de empatia ao focar, exclusivamente, na dor de um indivíduo e causar com isso uma relação de identidade, ignora por completo a maneira injusta em que age em relação aos outros membros da fila. Bloom utiliza uma metáfora para demonstrar a fraqueza da empatia em nossas escolhas. Para ele a empatia funciona como um holofote e “um holofote escolhe um determinado espaço para iluminar e deixa o resto na escuridão; o foco é estreito. O que você vê depende de onde você escolhe apontar a luz, então seu foco é vulnerável a seus preconceitos” (BLOOM, 2010, p. 67 Trad. nossa).

Em um artigo publicado recentemente pelo *New York Times*, em que Bloom defende a sua opinião sobre a moralidade de forma resumida, ele finaliza o artigo com a seguinte frase “Nossos esforços devem ser direcionados no sentido de cultivar a capacidade de refletir e aplicar uma moralidade objetiva e justa.”²⁴ Surpreendentemente, essa frase, segundo o próprio Bloom, recebeu uma enxurrada de críticas. Bloom acredita que uma moralidade que seja objetiva e justa é preferível a uma moralidade que seja subjetiva e injusta. (BLOOM, 2015).

Mas o que significa isso de uma “moralidade objetiva e justa” e como isso seria possível? Os altruístas eficazes oferecem um bom exemplo de como funciona uma moralidade desse tipo, principalmente, pela aplicação das evidências e dos números em favor de suas decisões, eles consideram de forma racional se aquilo que estão fazendo é de fato o melhor que pode ser feito e evitam agir por impulso motivados pelas emoções. Basear as nossas ações morais nos apelos emocionais pode não conduzir a resultados eficazes, muito embora, isso não seja uma regra os altruístas eficazes se preocupam em evitar os maus resultados em suas ações.

Desta forma, agir por impulso e baseando-se apenas na nos nossos sentimentos parece estar mais próximo de uma moralidade subjetiva e injusta, ao passo que, quando aplicamos a racionalidade em nossas decisões temos uma moralidade objetiva e justa.

²⁴ Paul Bloom, “Imagining the Lives of Others,” *New York Times*, 6 junho, 2015.

4.2 RACIONALIDADE

Quando falamos sobre racionalidade podemos considerar dois sentidos de racionalidade, o sentido epistêmico e o sentido instrumental.

Sentido Epistêmico: porque eu acredito que “x”? Estou justificado em crer que “x”? Há uma boa razão para crer que “x”? A racionalidade epistêmica nos ajuda a responder estas perguntas.

Sentido instrumental: a racionalidade instrumental nos ajuda a pensar estrategicamente para alcançar um objetivo preestabelecido.

Os dois sentidos de racionalidade são aplicados ao Altruísmo Eficaz. Quando os altruístas eficazes acreditam que devem se dedicar de maneira desinteressada ao outro, buscam justificações para esta crença e usam o sentido epistêmico da racionalidade. Quando estão justificados em seu altruísmo, procuram evidências de que as suas ações alcançarão o objetivo preestabelecido. São guiados pelo sentido instrumental da racionalidade e usam estratégias para garantir que façam isso da maneira mais eficaz possível.

Esse tipo de abordagem é um alvo constante de críticas. Para os críticos a fria racionalidade e imparcialidade do AE pode colaborar para um mundo com menos compaixão e altruísmo, exatamente, o oposto do que propõe o AE.

Em um debate organizado pelo website britânico Intelligence Squared entre Will MacAskill e o padre e filósofo Giles Fraser, a discussão em torno da imparcialidade e da racionalidade do AE foi o ponto central.²⁵ Fraser argumentou que nós, enquanto seres humanos, não podemos ser tratados como algoritmos e nossas decisões devem ser pautadas pelos nossos sentimentos. Segundo ele nossas conexões com as pessoas que amamos e nossa lealdade para com essas pessoas é uma parte constitutiva da nossa identidade, não podemos simplesmente abandonar isso porque parece ser a coisa mais racional a ser feita. Segundo, Fraser, é inegável a boa vontade dos membros do AE em fazer o bem para as pessoas, mas a abordagem extremamente racional acaba por corromper a boa intenção por trás do movimento e pode promover o fim do altruísmo por ignorar o papel central dos nossos sentimentos, especialmente, a empatia. Fraser em sua argumentação utiliza o seguinte experimento mental: imagine que estamos caminhando por uma avenida e nos deparamos com um prédio em chamas, escutamos gritos de dentro do prédio e ao adentrarmos o edifício nos deparamos com a seguinte situação; duas salas em chamas a primeira com uma criança incapaz de sair sozinha do prédio e que se não for salva, infelizmente, morrerá; na outra sala um quadro extremamente valioso, um

²⁵ O debate pode ser visto por esse link: <https://www.intelligencesquared.com/events/effective-altruism-a-better-way-to-lead-an-ethical-life/>

picasso, que será destruído caso seja deixado para trás. Temos tempo para entrar em apenas um dos quartos antes que tudo seja queimado. Deveríamos salvar a criança ou o picasso? Fraser, conclui que a triste decisão de um altruísta eficaz deveria ser salvar o quadro e abandonar a criança. Isso porque, um altruísta eficaz pensaria em vender a obra valiosíssima e doar a quantia para instituições ou organizações que promoveriam ações para salvar a vida de um número muito maior de crianças. Mas será essa a coisa certa a se fazer? Para Fraser, quando eliminamos os sentimentos da tomada de decisão nas nossas ações altruístas nós abrimos o caminho pra que as pessoas percam aquilo que as motiva a ser altruístas, portanto, o AE ao eliminar a empatia em suas decisões caminha para a ineficácia do altruísmo.

Fraser não ignora o fato de que racionalidade do altruísmo eficaz na organização do movimento e na avaliação das instituições de caridade seja uma coisa boa, mas a simpatia dele com o movimento acaba nesse ponto.

Encarar a razão como algo meramente instrumental não é algo necessariamente novo em filosofia, o influente Filósofo escocês, David Hume, era um defensor dessa ideia. Para Hume, todo o conhecimento é derivado da experiência e captado pelos nossos sentidos, a observação dos eventos que se repetem nos dão a sensação de que temos o conhecimento necessário e a priori desses eventos, mas esses fatos são conhecidos unicamente pelo processo indutivo. O conhecimento a priori só é possível por derivações de conceitos que estabelecemos de antemão, como os conceitos da lógica, da geometria e da matemática, portanto o papel da razão se limita aos conceitos abstratos ou na sistematização daquilo que conhecemos a posteriori por meio das sensações. Sobre a disputa entre a paixão e a razão, Hume, afirma que: “nada é mais comum na filosofia” (T. 2. 3. 3. 1) ele procura demonstrar que a racionalidade das nossas ações não pode ser usada como critério único e separado das paixões para determinar a nossa virtuosidade. Na verdade, para Hume a nossa “razão, sozinha, não pode nunca ser motivo para uma ação da vontade; e, em segundo lugar, que nunca poderia se opor à paixão na direção da vontade.” (T. 2. 3. 3. 1). Segue-se disso que o papel da razão segundo Hume é meramente instrumental. A razão é usada para satisfazer as nossas paixões que são a origem dos nossos sentimentos.

A motivação dos altruístas eficazes como vimos, anteriormente, parece ser contrária a teoria de Hume de que a razão é apenas instrumental e que serve apenas às nossas paixões. Como afirma Singer “para dizermos que a razão desempenha um papel essencial na motivação dos altruístas eficazes, temos de rejeitar esta visão instrumentalista da razão prática” (SINGER, 2015, p. 106)

Kant, discorda da posição humeniana, ele acredita que a razão prática desempenha um papel fundamental dentro da moralidade e que não pode ser apenas um instrumento das nossas vontades. Agir moralmente é agir dentro dos padrões que só podem ser ditados pela razão. Se a nossa ação é contrária aquilo que é proposto pelo uso da razão, então somos irracionais em nossos atos e estamos a agir mal. Para Kant é a razão o princípio de todo o conhecimento e base de toda lei moral. As inclinações decorrentes do modo como somos afetados por esta ou aquela situação podem causar uma angústia e até mesmo uma reação. Tome como exemplo um filantropo que dado o modo como se sente afetado pelas mazelas do mundo se predispõe a ajudar. Para Kant, isso está em desacordo com uma lei moral ditada pela razão; a vontade ou os sentimentos que parecem originar essa ação não darão a ela o status de lei moral que pode ser universalizável. É, portanto, a razão que está no princípio de toda lei moral e os que a seguem continuarão a segui-la independentemente dos sentimentos que possam afetá-los. Esse ideal de racionalidade está de acordo com a maneira com a qual os altruístas eficazes tomam as suas decisões. Apelos emocionais ou angústias pessoais não movem os altruístas eficazes. Kant afirma que qualquer ação que seja baseada nas emoções ou nas angústias pessoais nunca estarão em conformidade com a lei moral:

Ser caritativo quando se pode sê-lo é um dever, e há além disso muitas almas de disposição tão compassiva que, mesmo sem nenhum outro motivo de vaidade ou interesse, acham íntimo prazer em espalhar alegria à sua volta e se podem alegrar com o contentamento dos outros, enquanto este é obra sua. Eu afirmo porém que neste caso uma tal ação, por conforme ao dever, por amável que ela seja, não tem contudo nenhum valor moral, mas vai emparelhar com outras inclinações [...] Admitindo pois que o ânimo desse filantropo estivesse velado pelo desgosto pessoal que apaga toda a compaixão pela sorte alheia, e que ele continuasse a ter a possibilidade de fazer bem aos desgraçados, mas que a desgraça alheia o não tocava porque estava bastante ocupado com a sua própria; se agora, que nenhuma inclinação o estimula já, ele se arrancasse a esta mortal insensibilidade e praticasse a ação sem qualquer inclinação, simplesmente por dever, só então que ela teria o seu autêntico valor moral. (KANT, 1785, I, BA 10,11)

Assim como Kant, o economista e filósofo britânico Henry Sidgwick defendia que a moralidade deveria ter como base a racionalidade. Para Sidgwick os princípios morais são axiomas que se apresentam a nós pelo uso da razão. Dois princípios fundamentais estabelecidos por Sidgwick conduzem a uma máxima que serve de base para o tipo de moralidade que um altruísta eficaz defenderia nos dias de hoje. Sidgwick chamou a essa máxima de máxima da benevolência. São eles:

- 1) *O bem de qualquer indivíduo não tem mais importância, do ponto de vista (se assim posso dizer) do Universo, que o bem de qualquer outro; a não ser que haja justificações especiais para acreditar que se possa fazer maior bem num caso do que no outro.*
- 2) *E é evidente para mim que como ser racional, devo visar o bem geralmente – na medida em que seja alcançável pelos meus esforços – e não uma parte particular dele.*²⁶

A máxima da benevolência deduzida destes dois princípios é a seguinte:

Cada indivíduo deve ver o bem de qualquer outro indivíduo como o seu próprio, exceto na medida em que o considere menos, quando visto imparcialmente, ou menos certamente cognoscível ou por si alcançável. (SIDGWICK, p. 382, apud. SINGER, 2015 p. 107)

Esse princípio da razão está de acordo com o modo com o qual os altruístas eficazes agem e parece pôr fim a uma espécie de paroquialismo da ajuda. E oferece uma “uma melhor esperança para o futuro do que a ideia de estender a simpatia a toda gente do planeta” (SINGER, 2015, p. 107)

Assumir o ponto de vista do universo em nossas ações e agir de maneira racional em imparcial é bastante difícil quando as nossas decisões envolvem aqueles com que estabelecemos uma relação de proximidade, membros da nossa comunidade, amigos, familiares etc. Nesse caso, a empatia parece falar mais alto do que a racionalidade e parecemos incapazes de olharmos para a situação de maneira imparcial. Singer afirma com relação a isso que:

Os Altruístas eficazes parecem ter conseguido aquilo que Willians pensava que não podia ser feito. São capazes de se distanciar de considerações mais pessoais que de outro modo, dominariam a forma como vivemos. Este distanciamento não é total, mas marca uma diferença importante sobre como vivemos, e baseia-se num raciocínio que se assemelha a avaliar como vivem a partir de um ponto de vista independente das suas “disposições, projetos e afeições”. (SINGER, 2015, p. 107).

Aplicar o ponto de vista do universo quando tomam suas decisões em ética é aquilo que permite aos altruístas eficazes obter melhores resultados em seus projetos. Singer defende que a racionalidade com a qual os altruístas eficazes trabalham não é avessa a nossa natureza ou a sobrevivência de nossa espécie, uma interpretação possível da teoria da

²⁶ A descrição dos dois princípios morais fundamentais de Sidgwick foi retirada do capítulo 7 “Será que Precisamos Apenas de Amor? De *O maior bem que Podemos Fazer*. SINGER, 2015.

evolução de Darwin, é a de que ao priorizar os membros da minha comunidade estamos também priorizando a nossa própria vida, isto porque cria-se uma relação de reciprocidade e proteção vantajosa para todos os membros dessa comunidade. Entretanto, com a expansão da ajuda para membros de outras comunidades e pessoas distantes os altruístas eficazes não estão em desacordo com a natureza evolutiva proposta por Darwin. A ideia é que ao expandirem o círculo da ajuda estão criando relações vantajosas para todos os membros de um mundo cada vez mais globalizado, ou como afirma Singer:

Se a nossa capacidade de raciocínio também nos permite perceber que o bem dos outros é, a partir de uma perspectiva mais universal, tão importante quanto o nosso bem, então temos uma explicação do porquê os altruístas agirem de acordo com tais princípios. Tal como a nossa capacidade de fazer matemática superior, este uso da razão para reorganizar verdades morais fundamentais seria um subproduto de outra característica ou de outra capacidade que foi selecionada porque aumentava a nossa aptidão reprodutiva – algo que, na teoria da evolução, é conhecido como exaptação. (SINGER, 2015, p. 111).

O AE é um movimento composto por jovens que em sua maioria, como afirma Singer “são fortemente influenciados pela informação analítica, o que sugere que seus impulsos emocionais não são inibidos por essa informação. Ao invés, usam-na para suplantar os elementos dos seus impulsos emocionais”. Esses impulsos emocionais, como vimos até aqui, é o que leva as pessoas a cometerem erros de raciocínio e a escolherem maneiras menos eficazes de ajudar quando precisam fazê-lo. Singer apoiado pelos estudos psicológicos de Joshua Greene, afirma que em moralidade, geralmente, utilizamos dois processos distintos de formação dos juízos morais; um deles automático ou instintivo e o outro processo baseado na reflexão cuidadosa e a respeito de nossas ações. Traçando uma analogia com câmeras fotográficas, Singer afirma o seguinte a respeito dos dois processos:²⁷

Tal como uma câmera de apontar e disparar, as nossas reações intuitivas são rápidas e fáceis de operar, e, em condições normais, têm bons resultados; no entanto, em situações raras com características especiais, podem enganar-nos. Neste caso, será melhor mudar para o modo manual, ou seja, pôr de lado as nossas reações instintivas e pensar bem na questão. (SINGER, 2015, p. 115)

²⁷ Ver Joshua Greene, *Moral Tribes: Emotion, Reason and the Gap Between Us and Them* (New York: Penguin, 2013)

A formação de juízos morais por meio de dois processos distintos, um automático ou instintivo e o outro com base na reflexão, pode ser associado, segundo Singer, a duas formas diferentes de pensar moralidade; o processo automático está ligado a ideia de que os nossos juízos morais são formados pela compreensão de que aquilo que é a coisa certa se fazer é independente das suas consequências e o processo baseado na reflexão que para determinar o que é a coisa certa a se fazer leva em conta as consequências da ação.

O aspecto mais controverso deste modelo é o fato de ligar os juízos morais caracteristicamente baseados na ideia de que uma coisa é errada em si mesma, independente de suas consequências, ao modo instintivo baseado na emoção [...] e ligar juízos caracteristicamente utilitaristas ao modo manual, que recorre aos nossos processos conscientes de pensamento ou de raciocínio, bem como às atitudes emocionais. (SINGER, 2015, p. 116).

A afirmação de Singer de que os utilitaristas utilizam mais a razão do que os não utilitaristas ao tomarem suas decisões, embora seja controversa, é confirmada por algumas pesquisas ligadas ao campo da neurociência. Greene, por exemplo, em um estudo sobre alguns dilemas morais, entre eles o já bastante conhecido dilema do trem desgovernado, conclui que os participantes do estudo que optam por decisões utilitaristas exibem atividades cerebrais intensas e que não são observadas por aqueles que tomam decisões não utilitaristas. ²⁸

Singer não pretende como ele mesmo afirma “descrever os altruístas eficazes como máquinas de calcular frias e racionais” (SINGER, 2015, p 117). Ele acredita que a emoção desempenha um papel importante na vida dos altruístas eficazes. Ele cita o exemplo de alguns altruístas eficazes que são de fatos motivados pela paixão em servir os outros. Quando esses altruístas eficazes aplicam as evidências em favor do que fazem e a racionalidade é porque pretendem fazer ainda mais por aquilo que amam.

Muitos críticos do AE acreditam que os membros do movimento trilham um caminho de infelicidade por sacrificarem parte de suas vidas em favor daqueles em situação de necessidade. John Gray, em um crítica publicada sobre o livro de *The Most Good We Can Do* de Peter Singer pelo *New York Review of Books*, defende que os altruístas eficazes ao ignorarem os interesses pessoais em favor de uma ética baseada na razão e na imparcialidade

²⁸ Ver J. D. Greene, L. E. Nystrom, A. D. Engell, J. W. Darley e J. D. Cohen, ‘the Neutral Bases of Cognitive Conflict and Control in Moral Judgement’ *Neuron* 44 (2004): 389-400.

da ajuda abandonam aquilo que traz sentido para as nossas vidas; nossos projetos e as relações com aqueles que amamos.²⁹ Este é um aspecto comumente criticado da ética utilitarista, e muito embora, o AE não exija um comprometimento com qualquer tipo de teoria ética, recebe as críticas endereçadas ao utilitarismo. Como afirma o Professor McMahan a argumentação de Singer em favor do AE não requer nenhum tipo de comprometimento com o utilitarismo, mas sim com um princípio moral que deve ser consensual para os defensores das principais teorias éticas.

Os críticos que discutirei tendem a presumir que o altruísmo eficaz é fundamentado em um compromisso por parte de seus adeptos com o utilitarismo. Isso é compreensível, porque muitos ou mesmo a maioria daqueles que escrevem e agem sob esse banner são na verdade utilitaristas cuja preocupação é produzir o maior bem, considerado imparcialmente (e cujos objetivos específicos podem, portanto, mudar dependendo de quais atividades prometem em um determinado momento promover o bem mais de maneira mais eficaz). Mas não há nenhuma dependência essencial do altruísmo eficaz em relação ao utilitarismo. O primeiro argumento de Peter Singer em apoio a um exigente padrão para dar aos pobres apelou unicamente por uma ampla intuição moral e argumentou que a consistência era aquilo que exigia daqueles que aceitavam esta intuição doar a maior parte de sua riqueza para o alívio da pobreza extrema. Algum anos depois, Peter Unger, em *Living High and Letting Die*, raciocinou de forma semelhante, mas de forma mais sistemática para a mesma conclusão, rejeitando explicitamente qualquer compromisso ou confiança em uma teoria moral particular. (McMAHAN, 2016, p 1)

Os críticos do AE insistem em criticar os membros do movimento por sua abordagem impessoal da moralidade. Como vimos, os altruístas eficazes são motivados pelos números e pelas evidências em favor daquilo que fazem. Os apelos emocionais e a empatia são colocados de lado em suas decisões. Eles acreditam que podem contribuir muito mais para um mundo melhor, se adotarem uma postura objetiva e imparcial, ao invés, de uma subjetiva e parcial.

²⁹ Ver *How and How Not to Be Good*. Em: <https://www.nybooks.com/articles/2015/05/21/how-and-how-not-to-be-good/>

5. CONCLUSÃO

Muita coisa ficou de fora deste trabalho. O AE é um movimento bastante recente e que ainda está em desenvolvimento e buscando solidificar as suas bases. Ainda há muito para ser explorado e amadurecido por aqueles que fazem parte do AE. Dada a profusão de artigos e livros publicados sobre o tema, as três partes centrais em que essa dissertação está dividida mereceriam um estudo mais aprofundado e facilmente poderiam ser tema de outra pesquisa.

A argumentação de Singer em favor da obrigatoriedade moral da ajuda, por exemplo, parece ser um tema mais controverso até mesmo do que o próprio AE. As pessoas não aceitam o peso do julgamento por aquilo que não se sentem responsáveis por terem feito. Para a maior parte das pessoas a ideia de serem moralmente condenadas por não terem ajudado alguém em situação de risco, quando poderiam facilmente fazê-lo, é absurda. Isto porque não parece haver qualquer tipo de obrigação moral em evitar que algo de ruim aconteça. No máximo, em algumas dessas circunstâncias é uma boa ideia fazê-lo - obviamente, se aquilo que precisa ser sacrificado não é algo de muita relevância para si - mas, de forma alguma, parece haver qualquer tipo de obrigação moral em fazê-lo. As discussões sobre a responsabilidade moral dos indivíduos ricos de países afluentes sobre a miséria e a pobreza extrema nos países pobres é bastante controversa. Singer, por exemplo, em *Ética Prática* oferece uma análise sobre as diferenças entre matar e deixar morrer e conclui que não existe uma diferença intrínseca e substancial entre as duas coisas, para ele as diferenças são somente extrínsecas e irrelevantes (SINGER 1980). Essa posição de Singer, obviamente, é vista como um absurdo pela maior parte dos ricos dos países desenvolvidos. De qualquer forma, mesmo que não se sinta culpado pela morte de crianças na África uma pessoa que vive uma vida de luxos e gasta seu dinheiro sem se preocupar com os outros não está agindo de forma ética, segundo Singer.

Nessa disputa temos de um lado, os defensores da propriedade privada e do capitalismo, que levantam as suas bandeiras em favor dos super-ricos e suas excentricidades luxuosas, e do outro lado, os progressistas, que defendem a taxaço e a redistribuiço dos bens de maneira mais igualitária.

Essa disputa é, entre outras coisas, sobre a responsabilidade pela miséria em que vivem as pessoas nos países pobres. Essas pessoas sobrevivem com o equivalente a menos de 1.90 dólares por dia, isso em valor corrigido - o que torna esse valor equivalente ao que se pode comprar nos Estados Unidos com essa soma. Essas pessoas muitas vezes não têm acesso a saneamento básico, um abrigo decente, assistência médica, educação e o que é mais desolador, muitas vezes não têm o que comer. A maior parte das pessoas que têm contato com essa situação

degradante vivida por outros seres humanos ficam, extremamente, comovidas e se dispõem a ajudar. E é precisamente aqui que a discussão muda de figura, deixamos de nos perguntar se devemos, ou temos a obrigação de ajudar? E passamos a nos perguntar como podemos ajudar?

Os defensores do altruísmo eficaz defendem que a empatia por si não é um guia confiável para as nossas ações quando pretendemos ajudar. Ela induz a erros de raciocínio e faz com que direcionemos a ajuda a causas menos urgentes, portanto, precisamos de um guia mais confiável para as nossas ações.

Precisamos agir de forma racional e avaliar as evidências em favor daquilo que estamos fazendo. Buscar as melhores opções na luta contra a miséria e na construção de uma sociedade mais justa onde as pessoas tenham as suas necessidades básicas supridas e possam vislumbrar um futuro melhor.

Farei aqui um pequeno resumo do que tratei neste trabalho. No primeiro capítulo apresentei a argumentação do professor Singer em favor da obrigatoriedade moral da ajuda. Evidentemente, Singer é um dos responsáveis pelo AE e seu trabalho filosófico influenciou e continua influenciando muitas pessoas a mudarem suas atitudes em relação a filantropia. Como afirmei anteriormente nesta conclusão a argumentação de Singer é bastante polêmica e recebe algumas críticas, especialmente, daqueles que defendem o direito à propriedade ou que não se consideram responsáveis pelos problemas que afetam diretamente os pobres que vivem em países subdesenvolvidos.

Singer defende que essas pessoas ricas dos países afluentes têm reponsabilidade por aquilo que as pessoas pobres nos países em desenvolvimento sofrem, mas não considera ser preciso avançar a sua argumentação até esse ponto para que as pessoas mudem suas atitudes em relação à ajuda. Ele considera que mesmo que essas pessoas não se achem culpadas pela miséria das pessoas pobres no mundo, elas precisam entender que viver uma vida minimamente ética não está de acordo com viver uma vida de luxos enquanto pessoas morrem de fome e com consciência de que poderiam ajudar essas pessoas facilmente. “Doar para aqueles que vivem em extrema pobreza se torna uma parte elementar daquilo que é uma vida ética” (SINGER, 1980, p. 215. Trad. Nossa).

No segundo capítulo apresentei o AE e as principais características do movimento. AE é um movimento emergente e busca se consolidar como uma alternativa para aqueles interessados em fazer do mundo um lugar melhor. É certo que alguns aspectos do movimento ainda passarão por modificações e adaptações ao longo de seu desenvolvimento. As críticas que o movimento recebe se concentram, especialmente, em duas frentes: uma em relação as

recomendações feitas pelo movimento; a outra diz respeito a motivação por trás do movimento que parece ignorar o papel dos sentimentos ou da empatia na tomada de decisões.

As recomendações feitas pelos altruístas eficazes são por vezes contra intuitivas. Interferir no modo como devemos trabalhar, gastar nosso dinheiro e dizer para quem devemos doar, parece um pouco invasivo, mas essas são apenas recomendações e como recomendações, nós podemos optar por segui-las ou não, ou talvez, segui-las parcialmente. Na verdade, a maior parte das pessoas que começam por aceitar as ideias relativas ao AE, inicialmente, seguem essas recomendações apenas de maneira parcial e no limite daquilo que as faz feliz. Em relação a motivação por trás do AE afirmo que não é óbvio que os altruístas eficazes ignorem a empatia, ou não sintam empatia pelas pessoas que ajudam, ou por qualquer pessoa. O que acontece, de fato, é que os altruístas eficazes encaram o altruísmo como algo racional e imparcial e por isso acreditam que obtêm os melhores resultados possíveis. Esse é o objetivo final dos altruístas eficazes, qual seja, maximizar o alcance de suas ações em busca de um mundo melhor.

No terceiro capítulo mostrei como a distinção entre a racionalidade e a empatia pode nos ajudar a clarificar aquilo que motiva os altruístas eficazes. Evidentemente, não é a empatia, ou pelo menos aquela de tipo emocional, que os motiva. Esse tipo de empatia, como vimos anteriormente, conduz a uma forma muito parcial de altruísmo e que não vai além daquilo que podemos alcançar com as nossas sensações. A vítima terá de ser sempre identificável e isso causará uma espécie de paroquialismo em que a ajuda será sempre para o membro do nosso grupo. Isso conduz a alguns erros de raciocínio, como por exemplo, na escolha das causas mais urgentes e na avaliação de como deveríamos investir nosso dinheiro. O resultado é o oposto do que os altruístas eficazes esperam, é a ineficácia total da ajuda. A racionalidade é o que motiva os altruístas eficazes, dado o interesse pelas evidências e pelos números a respeito daquilo que fazem. Os altruístas eficazes, ao contrário do que pensam os críticos, têm um interesse genuíno em fazer o bem, tão genuíno que não se preocupam apenas em fazer o bem, mas também em maximizá-lo. Acredito que esta forma de encarar a filantropia não está condenada ao fracasso, ou a desestimular a ajuda por conta de sua abordagem, mas ao contrário parece estimular o altruísmo e, além disso, oferece razões para acreditarmos de que aquilo que estamos a fazer é o maior bem que podemos fazer.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPIAH, Kwame Anthony. *Cosmopolitanism: Ethics in a World of Strangers*. Norton, 2006.
- BLOOM, Paul. *Against Empathy: The Case for Rational Compassion*. New York: Harper Collins, 2016.
- DAVIS, M. H. *A multidimensional approach to individual differences in empathy*. JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology. 1980.
- DEATON, Angus. *The Great Escape: Health, Wealth, and the Origins of Inequality*. Princeton University Press, 2013.
- EASTERLY, William. *The White Man's Burden: Why The West's Efforts To Aid The Rest Have Done So Much Ill And So Little Good*. New York: Penguin Press, 2006.
- HUME, D. *A Treatise of Human Nature* (eds. David Fate Norton & Mary J. Norton). Oxford: Clarendon Press, 2007.
- _____. *Investigação sobre o Entendimento Humano. In Investigações sobre o Entendimento Humano e sobre os Princípios da Moral*. (trad. J. O. de Almeida Marques). São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. 5ª Edição. Trad.: Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- _____. *Fundamentação da Metafísica dos costumes*. Trad.: Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Barcarolla, 2009.

MACASKILL, William. *Doing Good Better: How Effective Altruism Can Help You Make a Difference*. New York: Random House, Inc, 2015.

MACFAQOUR, Larissa. *Strangers Drowning: Grappling With Impossible Idealism, Drastic Choices and the overpowering Urge to Help*. New York: Penguin Press. 2015

MACMAHAN, Jeff. *Philosophical Critiques of Effective Altruism*: The Philosophers' Magazine, Ontario, Setembro 2016.

MOYO, Dambisa. *Dead Aid: Why Aid Is Not Working And How There is Better Way For Africa*. New York: Farrar, Stratus and Giroux, 2009.

NOZICK, R. *Anarquia, Estado E Utopia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

POGGE, Thomas. *Are We Violating the Human Rights of The World's Poor?* Yale Human Rights and Development Journal, Vol. 17 [2014], Iss.1, Art. 3

RACHELS, James. *Os Elementos da Filosofia da Moral*. Barueri: Editora Manole, 2006.

SANDEL, M. *Justice: What's The Right Thing to Do?* Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2009.

SEN, Amartya. *A Ideia de Justiça*. Tradução de Denise Bottman e Ricardo Donielli Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SLOTE, Michael. *Moral Sentimentalism*. New York: Oxford University Press, 2010.

SIDGWICK, Henry. *Methods of Ethics*. London: Macmillan and Company, 1907.

SINGER, Peter. *Ética Prática*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 3º Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1980/2002.

_____. *Famine, Affluence, and Morality Philosophy and Public Affairs*, vol. 1, No. 1, pp. 229-243 [revised edition].

_____. *The Life You Can Save: Acting Now to End World Poverty*. New York: Random House, Inc, 2010.

_____. *The Most Good You Can Do: How Effective Altruism is Changing Ideas About Living Ethically*. Yale: Yale University Press, 2015

SINGER, Peter; LAZARI RADEK, Katarzyna. *The Point of View of the Universe: Sidgwick and Contemporary Ethics*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

SMART, J. J. C; WILLIAMS, Bernard. *Utilitarianism: For and Against*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

SMITH, Adam. *Teoria dos Sentimentos Morais*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

SRINIVASAN, Amia. *Stop The Robot Apocalypse*: London Review of Books, London: Agosto, 2015.

UNGER, Peter, *Living High and Letting die: Our Illusion of Innocence*. Oxford University Press, New York, 1996.